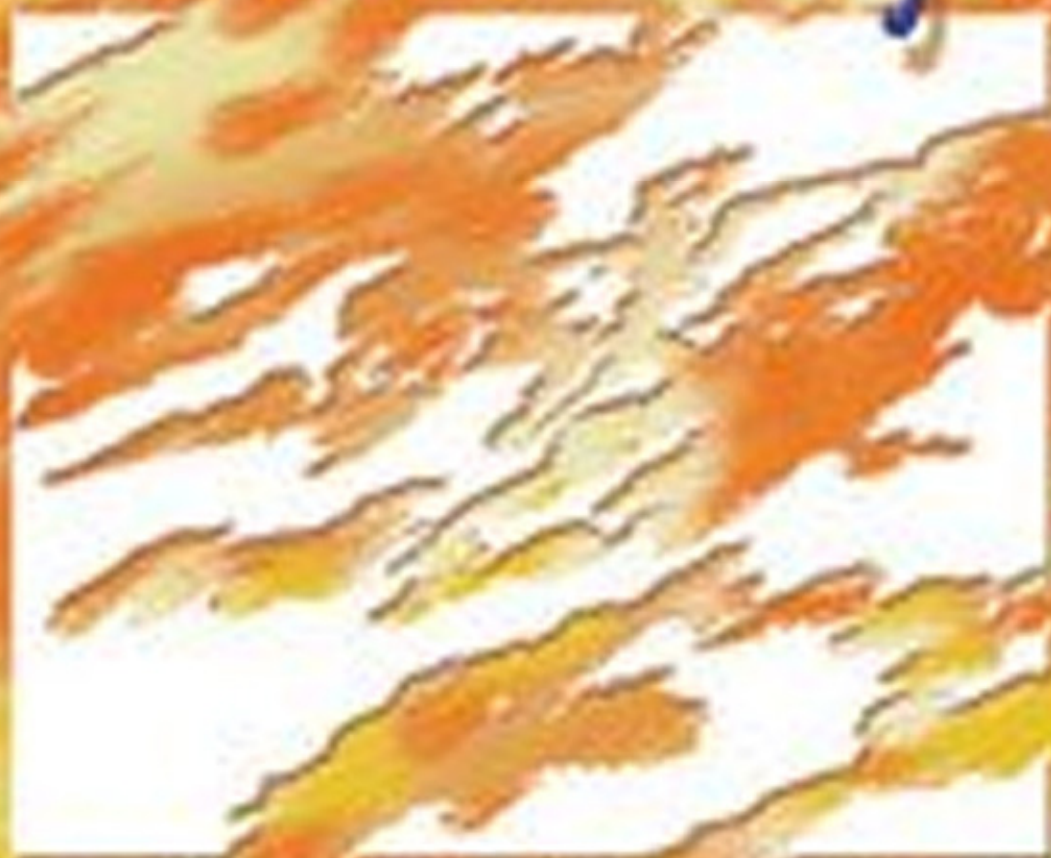


Doutrinação



Roque Jacintho

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

1 – DESENCARNAÇÃO

A transferência de planos de vida que todos experimentamos compulsoriamente com a morte, embora guardando peculiaridades distintas de indivíduo para indivíduo, equivale para uma parcela esmagadora de nossa Humanidade a um nascimento autêntico na Espiritualidade.

Há um período que chamaremos de infância.

A infância terrena é uma fase de adaptação do espírito à sua nova instrumentalidade orgânica e psíquica e uma retração de sua vontade, visando permitir-lhe aprimorar-se dentro do esquema evolucionista que se lhe traçou nas Esferas Superiores.

A infância na espiritualidade é, também, um período de adaptação e de purgação de fluidos materializados e repletos de paixões, acompanhada de uma dose mais ou menos acentuada de turbção mental. Objetiva, também, ajustar-nos às novas condições evolutivas.

Criaturas há que não prescindem desse benefício da perturbação após-morte, desse desmaio dos sentidos, não apenas em função de sua união profunda com os problemas e as aspirações terrenas, mas, e principalmente, pela sua incapacidade de viver amplamente e com proveito o novo estado existencial que a morte lhes conferiu.

O homem, no Além, continua sendo homem.

Se o fígado registrava dores, o seu corpo espiritual é ainda uma réplica integral daquele seu estado. Se o estômago reclamava alimentação, ainda ali na espiritualidade continua a necessitar dela. Se estava imerso no vício do fumo ou do álcool, continua precisando do cigarro e dos vapores etílicos. Se estava assoberbado em edificar um império material, prossegue na organização do seu domínio.

É normal, inclusive, não perceber a própria criatura que passou pela transformação orgânica da desencarnação, porque ainda registra todas as sensações comuns de seu trânsito pela carne e esse seu novo estado é inteiramente diverso do que ela imaginava ser o após-túmulo.

Esse nascimento na espiritualidade, e sua fase de adaptação ao meio e a si mesmo, varia de alma para alma, à semelhança da infância carnal. Esta para uns é mais breve que para outros; em Mundos mais evoluídos moralmente que o nosso, sua

duração é curta e com mais rapidez os Espíritos dominam os seus novos órgãos de manifestação e de percepção.

A desencarnação não é, por isso, um pronto acordar em panoramas paradisíacos e nem um mergulhar em infernos conscienciais de chofre.

À medida, contudo, que o Espírito desperta, ou seja, que se domina e se identifica na Espiritualidade, irá descobrindo que está vivendo ao lado de irmãos que lhe são semelhantes, que alimentam as mesmas preferências, os mesmos impulsos, os mesmos desejos. E, a exemplo do que aqui ocorre quando se alcança a puberdade, torna-se livre para executar os atos de sua vontade, partindo ao encontro de suas aspirações comuns e experimentando as reações de seus desajustes.

A hibernação de sua consciência após a desencarnação é uma etapa reeducativa que lhe permite o não unir-se de imediato, à vista de sua inexperiência, a planos mais inferiores. A sua sensação de vida material trá-lo num estado para-hipnótico que faculta melhor recepção às induções renovadoras que lhe chegam silenciosamente da Espiritualidade Superior, embora não o forrem de colher as reações de seus próprios atos, em companhia de seus colaboradores ou de seus desafetos.

As Leis Divinas sempre são plenas de estímulos educativos. Ao propor-nos, pois, a auxiliar os desencarnados menos felizes, cabe- nos tomar ciência dessas Leis, a fim de operarmos como instrumento auxiliar efetivo, no grande Hospital-Escola que é nossa Terra.

2 - PANORAMA DO ALÉM

No Além-túmulo o Espírito descobre-se dotado de um corpo idêntico ao que carregou em sua última experiência terrena. Palpita-lhe o coração; arfam-lhe os pulmões; movem-se as pernas; os olhos recolhem as imagens, no processo de raios luminosos; seu tato está inteiramente vivo; sua audição é a que sustentava na Terra; o chão é sólido e palpável; portas e paredes oferecem-lhe resistências. Os seus problemas psíquicos continuam profundamente reais... Tem rasgos de piedade e momentos de cólera. Sente ciúmes e impulsos do sexo.

Descobre povoações e cidades, com hospitais e escolas, com grupos de socorro e hordas de malfeitores, com lares organizados e famílias constituídas.

Apenas o que entre os homens era força de expressão, lá corresponde a uma realidade inarredável e amargosa, ou deliciosa e sublime.

— Ele se afundou na lama dos vícios!

O viciado efetivamente encontra-se mergulhado numa lama proveniente de suas emanções mentais desequilibradas.

— É um monstro de maldade!

A transfiguração perispiritual das almas compromissadas em crimes conhecidos ou crimes ignorados da justiça comum imprime no criminoso o entalhe grotesco da animalidade inferior a que se une.

— É bonita por fora, mas por dentro...

Criaturas tais, modelos de beleza física e desequilibradas morais, despejadas do casulo da carne surgem como bruxas fantasmagóricas, enlouquecidas pelos desejos insanos e pela deformação de caráter.

— Um anjo de bondade!

Define bem, essa afirmação, a situação na Espiritualidade de almas plenas de ternura, em que o amor promana de si espontaneamente, embora sua posição social,

seus recursos financeiros, sua cultura acadêmica nem sempre tenham sido os mais avantajados.

O panorama visto no Além é o mesmo da sociedade humana atual, com seus problemas e suas soluções, apenas sem a máscara de carne que nos abençoa em nossas explosões de cólera ou em nossos ensaios de humildade, em nosso egoísmo doloroso ou nas demonstrações de nosso amor.

As escolas de aprendizagem e os grupos de trabalhos no Além, não chegam a atrair compulsoriamente os Espíritos, já que se lhes respeita o livre-arbítrio e já que toda elevação depende do anseio que o próprio homem permite germinar em seu coração. Assim como entre nós muitos se entregam às práticas violentas, às cenas de sangue para o exercício de suas emoções indisciplinadas, também no Além se repete a sustentação de seus pendores e de suas tendências normais.

A Espiritualidade não é uma região circunscrita e determinada no espaço. Significa apenas: além-carne, além-corpo e geograficamente começa dentro de nosso próprio lar, nas oficinas de trabalho, nos salões das sociedades, nas classes escolares, nos antros de vícios, localizando-se os Espíritos nos recintos que edificamos para nossas atividades cotidianas.

O conhecimento desse panorama é importante.

Possuídos de tais noções compreenderemos que o nosso atendimento aos necessitados de socorro e que nos procuram pelas vias mediúnicas deve ser objetivo e claro, com informações precisas e corretas, longe de orientações como:

- Você está doente. Procure um hospital.
- Ingresse nas escolas daí para aprender.
- Você já morreu e não pode sentir dores.

3 - NOSSAS DEFICIÊNCIAS

Muitos companheiros distanciam-se dos trabalhos de doutrinação sob alegação de incapacidade ou de não possuírem condição moral suficiente, distantes da perfeição, desautorizados a manejar o verbo em nome do Mestre Divino no socorro através da mediunidade.

Justo, porém, repetirmos que a Terra não é albergue de anjos e que os Espíritos Puros nem sempre conseguem fazer-se ouvidos pelos infelizes que vagueiam pelas trevas umbralinas e que lhes não suportariam a perfeição.

É da lei que o próximo socorra o próximo.

E somos as criaturas que, pelas nossas vibrações e pelas nossas deficiências, temos a melhor posição para servir de ponte aos que precisam transpor os abismos da inferioridade espiritual.

Lembremo-nos, igualmente, que todo atendimento espiritual legítimo é produto de uma cadeia que se forma, elo por elo, e que para funcionar efetivamente há de ser completa. Atenhamo-nos à escala espírita que Allan Kardec insere no capítulo I, da 2ª parte de *O Livro dos Espíritos* e teremos uma visão ampla da gradação que existe em cada benefício. As providências maiores nascem com os Espíritos Puros, que as transmitem aos de categoria imediatamente inferior e assim, sucessivamente até que nos penetram no íntimo, pelas vias intuitivas. Somos parte da cadeia, embora parcela modesta, e não, podemos esquivar-nos às tarefas a não ser interrompendo a caridade tão bem organizada pelos nossos Mentores.

Com todas as nossas deficiências, com todas as nossas dúvidas, com todas as nossas hesitações, com todas as nossas repetidas alternâncias — não poderemos fugir

ao nosso trabalho na Seara do Amor, apenas porque não reluzimos como as almas imaculadas que já venceram todos os degraus da elevação, após terem passado por planos iguais ao nosso.

O próprio serviço burilar-nos-á.

Nossa fé firmar-se-á, pouco e pouco.

Nossas dúvidas desaparecerão, ante o serviço.

Perderemos maus hábitos, ao calor do trabalho.

Tão logo tomemos intimidade com *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e estendamos o primeiro copo d'água a quem tem sede ou o primeiro sorriso de simpatia aos escravos da dor — já estaremos autorizados falar do Bem e do Amor, em nome de Jesus, visando redimir nossos irmãos infelizes.

Negar o nosso concurso é afastar-nos da caridade que não pede tesouros terrenos e nem construção de alvenaria para realizar-se.

Nosso esforço em refrear nossos impulsos intempestivos, nossa luta em redimir-nos, nossa disposição de levantar-nos após as quedas experimentadas servem para os Espíritos sofredores como um grito de alerta e de estímulos imensuráveis mostrando-lhes que a virtude celeste começa nos primeiros degraus e que a pureza espiritual é a última estância que se atinge, quando se resolve a palmilhar as escarpas da evolução.

4 - DOCTRINAR

Grande parte dos homens ainda considera o seu próprio espírito como uma terceira pessoa. Assim, são habituais as expressões:

- Não tenho paz, porque meu espírito está perturbado.
- Quando eu morrer, meu espírito responderá por minhas ações.
- No tribunal Divino, meu espírito será julgado.

Estas formas comuns de referir-se ao próprio espírito evidenciam que a criatura humana, mesmo as espiritualistas, considera-se dividida em três partes distintas: Ele mesmo, o corpo e o seu espírito. Por esta razão atribui muitos comportamentos seus às influências de seu corpo e outros às influências de seu espírito, tal como se vivesse sob a ação de dois elementos diferentes de si mesmo e não subordinados à sua vontade.

Por isso é que, após a desencarnação, identificando-se como um indivíduo de corpo definido e de sensações inteiramente pessoais, mergulha num estado de turbacão mental. O meio que encontra ante si é tão surpreendente e tão natural, que se admira de como não cogitara dele com seriedade quando encarnado.

Sente-se um estranho, em terras estranhas.

Tem, por isso, necessidade de orientação segura, a fim de nortear-se e estabelecer contatos salutaros e construtivos, dentro da nova sociedade que o abriga a seu mau grado. Poderá estar, por vezes, repleto de boas intenções e desejos de paz, sem,

contudo, distinguir o que mais lhe convém.

Necessita de doutrinação.

Doutrinar, na sinonímia Espírita-cristã, é transmitir pacientemente informações curtas e exatas sobre as razões da vida, os motivos das encarnações, o destino de todos os homens, a estação de harmonia que aguarda a passagem de nossa vontade, os trabalhos que nos compete realizar, os esforços indispensáveis para a reformulação interior.

Doutrinar é ensinar o Cristianismo-Redivivo.

E, para ensinar uma doutrina, é preciso antes conhecê-la, a fim de ofertarmos aos irmãos perturbados e perplexos as noções práticas de que eles precisam para recuperar-se de suas deficiências e batalhar para conquistar o direito a um lugar melhor.

A transmissão do ensino, porém, deve ser ajustada ao amadurecimento do senso moral dos interlocutores. Estamos, diante deles, qual se estivéssemos frente a alunos do curso primário, para os quais as noções transmitidas devem ser reais, mas devem, também, ser adequadas ao seu grau de compreensão e raciocínio.

O mestre-escola não ironiza o aluno.

Não ironizaremos, também, o comunicante.

O mestre-escola faz-se repleto de paciência.

Sustentaremos, igualmente, a paciência.

O mestre-escola não dá aulas acima da idade mental dos alunos.

Sem faltar à Verdade, do mesmo modo não transmitiremos as nuances e os coloridos, os complexos e o contexto de nossa Doutrina nos encontros educativos que sustentarmos com nossos irmãos que mal ingressaram no jardim-de-infância espiritual.

5 - EVANGELIZAR

Espíritos há cristalizados no Mal.

Descreem da bondade, porque já foram vitimados pelas artimanhas de poderosos, quer na Terra, quer na Espiritualidade onde se encontram.

Conhecem teoricamente o Cristianismo.

Dizem “Senhor, Senhor” — sem se resignarem.

Trazidos ao intercâmbio mediúnico, são hábeis artistas da palavra e esgrimistas da argumentação, revisando os ensinamentos religiosos da atualidade, quais se fossem mestres da matéria.

Adoram exhibir-se e dominar.

Sustentar com eles longos diálogos; abrir com eles empolgantes polêmicas, será apenas alimentar-lhes a preferência de pseudo-sábios ou de intelectuais trancafiados na torre de marfim do orgulho e enregelados pelo egoísmo milenar.

Deveremos afugentá-los, então?

Não! A negação aqui é peremptória.

Cabe-nos, frente a eles, refrear os impulsos da doutrinação e recorrermos ao Evangelho do Senhor, para ofertar-lhes o remédio de que necessitam, embora não peçam tal medicação e até a repudiem.

Precisamos evangelizá-los.

Estabeleçamos, porém, uma diferença fundamental que existe entre doutrinar e evangelizar. Doutrinação é ilustração mental. E evangelização é um sol de amor, que fará sua alvorada em nossa alma, derretendo a crosta em que se encasulam esses irmãos endurecidos.

Esse é um capítulo empolgante.

Enquanto na doutrinação *ensinamos* como se faz, na evangelização *vivemos* o como deve ser feito. No primeiro, o ensinamento é verbal; no outro a aula é ao vivo.

Os Espíritos que precisam ser doutrinados, em geral tomam um rumo diverso do nosso após o encontro mediúnico que com eles tivemos. Os que precisam ser evangelizados seguem-nos, passo a passo, com autorização Divina, para recolher em nossos comportamentos as sementes do Bem e do Amor, dia a dia.

Por estas razões, temos de fazer-nos humildes e conter o nosso ímpeto de derrotá-los verbalmente. Temos de calar a nossa repulsa e orar por eles, em sua frente e quando estivermos a sós. Temos de convidá-los a acompanhar-nos no cotidiano, para que juntos aprendamos as lições que a vida nos oferece, sem jamais desafiá-los. Temos de amar a sua companhia, ao invés de pedir que se afastem de nós. Temos de evidenciar coragem evangélica, feita de ternura, ao contrário de temê-los.

Conceituando o tema, sirvamo-nos de duas figuras da linguagem humana, ricas de advertência:

— O homem pensa através do cérebro.

— O homem sente pelas vias do coração.

Aqueles que tornaram o seu coração estéril como sede de afetividade e exercitam apenas o gume do raciocínio inchado de orgulho, precisam ter o coração desperto, a fim de que o órgão da vida, irrigando a sede do pensamento, venha a renovar-lhes os ideais de uma existência superior que se apagaram sob as cinzas de sua vaidade.

6 - O DOCTRINADOR

Reflitamos sobre o doutrinador.

Ele, como nós mesmos, ocupa uma posição normal, sem privilégios, dentro do quadro de sua existência de provas e expiações.

É um homem a lutar com as suas próprias deficiências e falhas, com suas hesitações e suas dúvidas, na escala evolutiva em que se situa.

É um membro de família, dentro da qual, não raro, germinam problemas angustiosos a pedir-lhe intercessão amorosa a todos os instantes, requisitando-lhe o exercício da paciência e da tolerância.

É criatura por vezes fisicamente enferma, carregando órgãos atrofiados ou em disfunção dolorosa que desafiam o seu senso de equilíbrio.

É trabalhador comum, prestando às oficinas humanas a sua quota de trabalho e de concurso profissional, ilhado, em alguns momentos, por questões intrincadas, por companheiros rebeldes e insatisfeitos, por chefes atrabiliários e por obsidiados vários.

É obreiro singelo requisitado, amiúde, por medianeiro de irmãos desajustados e que transportam consigo, em decorrência de seus desvarios, clima mental miasmático.

E esse homem comum, esse companheiro comum, como todos nós precisa empreender grandes esforços para aprimorar-se em seu comportamento e para ganhar mais claras noções da espiritualidade e da Vida, sem que para tal conte com meios miraculosos provindos de Planos Superiores.

Precisa disciplinar a própria existência, estabelecendo tempo para todos os encargos, inclusive o destinado ao estudo da Doutrina que abraçou. Deve vencer-se a si mesmo, tornando a sua existência um mapa luminoso que induzirá seus companheiros à auto reforma preconizada pelo Evangelho-Redivivo. Tem de manter-se em família, mesmo que sob hostilidades várias e até ironias à sua fé, trabalhando em favor de todos aqueles com os quais se uniu pelos laços do sangue e que espiritualmente são participantes de seus compromissos das vidas anteriores. Carregará as suas enfermidades à conta de benção dos Céus, para a reforma de sua alma. Colaborará para o reerguimento dos que se desviam e servirá de amparo aos que caem, adentrando os meios perturbados sem se perturbar, registrando influências deletérias sem se deixar por elas conduzir, ouvindo queixas e reclamações sem direito de relacionar as suas agruras...

Carrega as cicatrizes de suas batalhas.

Porém, à cabeceira da doutrinação ou da evangelização, há de identificar-se profundamente com o seu Mentor Espiritual pelas vias intuitivas, a fim de dar-se a si mesmo em benefício dos infelizes. Muitas vezes sairá como um derrotado, humilhado e ferido, para não infringir humilhação e dilaceração a almas enfermas. As soluções que alcança e que apresenta, nem sempre são de inteiro agrado de seus companheiros encarnados, de juízo formado pelo sabor humano. Suas atitudes devem sempre ser ajustadas aos princípios do Espiritismo-cristão e ele experimenta ao vivo as sensações do “Senhor, faça-se a tua vontade e não a minha”.

Cabe-nos, pois, a nós colaboradores, compreendê-lo em todos os lances da assistência organizada, para auxiliá-lo com nossas emissões mentais, mesmo quando as suas atitudes, as suas recomendações, não sejam exatamente aquelas que tomaríamos se estivéssemos em sua posição. Recordemo-nos sempre de que ele faz pane de um plano

maior, nesses momentos, plano que, por vezes, escapa ao nosso entendimento circunstancial e só mais tarde, quando amadurecidos ao sol do Cristianismo-Redivivo, acataremos com tranquilidade compreendendo que tolerância, ternura, amplexo caritativo, energia cristã, prece silenciosa, lábios disciplinados, são gotas de bálsamo em almas ulceradas pelos espinhos de suas caminhadas inglórias.

7 - A PACIÊNCIA

Jesus foi o Mestre da paciência.

Conhecia a posição inarredável de Nicodemos que O procurou à noite para inquiri-Lo acerca de suas pregações e empregou algumas horas preciosas a sintetizar a Divina Doutrina ao perplexo doutor da Lei, mesmo sabendo que o seu visitante não se transformaria de pronto. Este o atenderia, contudo, após a crucificação, recolhendo-lhe o corpo a uma campa digna, juntamente com José de Arimatéia.

Acolhia Judas para comer do mesmo prato, confiando-lhe a bolsa da tesouraria da comunidade que se esboçava para a propagação da Boa Nova, embora soubesse que o discípulo iria entregá-lo aos seus algozes. Mas, alimentava-se da certeza de que o amigo se reergueria após a queda.

Lia no coração de Simão Pedro a negação de seu ideal no átrio do Templo de Jerusalém, quando indagado de suas relações de discípulo. No entanto, depositava

naquela mediunidade hesitante os alicerces de sua obra.

Guardava convicção de que os mais amados o abandonariam no trânsito doloroso e crucial de seu testemunho e que só e abandonado escalaria o Calvário. No entanto, três dias depois ressurgiu na coletividade de auxiliares pesarosos para renová-los e auxiliá-los em sua fé nascente.

Saulo de Tarso que levava Estevão ao martírio possuía carta branca para dar perseguição aos escassos obreiros de sua Seara de Amor, por considerar-se um portador de Verdade. Soube, todavia, aguardá-lo na Estrada de Damasco e numa luz de imensa ternura convidou-o a tornar-se o Apóstolo de sua Doutrina.

8 - A HUMILDADE

As ideias concatenadas e organizadas pelo homem como palavras não são simples sons articulados. Correspondem a energias canalizadas em direção dos ouvintes, envolvendo-os em suas vibrações sonoras e, mais ainda, em suas vibrações espirituais. Através do magnetismo de que são impregnadas, podem construir moralmente um mundo de esperanças e consolações ou ser condutoras de desalento e desesperação.

As palavras nascem da própria alma.

O impacto espiritual que provocam é reconhecido em seus efeitos como simpatia ou como repulsão às suas induções naturais, levando-nos pela Lei da Afinidade a agradar-nos ou desagradarmos em ouvir esta ou aquela pessoa. Dentro dessa mecânica, pois, um homem de intensa radiação fluídica, externando-se

verbalmente, poderá fechar circuito magnético com seus ouvintes e induzi-los a comportamentos nobres ou levá-los a atitudes insensatas, de acordo com o mútuo e mudo consentimento das partes implicadas no fenômeno.

Os mais destacados tributos são grandes usinas de magnetismo, com o qual envolvem os seus ouvintes e seguidores muito mais do que com a ideia que externam. Por essa razão, quando Saulo de Tarso, flamante orador sacro de sua raça, se reencontrou com Jesus na Estrada de Damasco e precisava renovar o seu teor magnético, por largos anos sentiu-se inibido como pregador verbal da Boa Nova. Estava numa fase de reajuste de sintonia com os Planos Elevados de onde o Mestre e seus benfeitores espirituais lhe apelavam à renovação íntima para que a tarefa de propagação e preservação do Evangelho de Amor não fosse desempenhada à custa de simples exposição teórica. Era preciso realizá-la com magnetismo sadio e renovador.

A ideia bem exposta, que converte e conduz as criaturas, não é a que se veste em roupagem de riqueza linguística ou de refinamento acadêmico ou científico. Para seus efeitos necessita de vida. E a vida de uma ideia está, antes de tudo, no teor magnético em que se consubstancia.

Note-se que todo o Evangelho não nos mostra Jesus à procura do inusitado ou acumulando uma riqueza de linguagem, mesmo porque a que Jesus utilizou era extremamente pobre, numa época em que os conhecimentos eram relativamente pequenos. No entanto, essa mesma linguagem pobre e as imagens simples e populares, sem nenhum rebuscamento e nenhum artificialismo, é a fonte perene de reforma interior todos os dias, alterando para melhor os rumos da História de nossa Humanidade.

É que Jesus falou com humildade.

Suas palavras são possuídas do grande potencial magnético construtivo, que não se perde ao serem vertidas em textos escritos e nem ao serem adaptadas às mais diversas línguas — porque possuem a força da linguagem Universal: a força da Humildade.

A conquista da humildade legítima é, por conseguinte, uma das mais importantes etapas dos doutrinadores de nossos Templos de fraternidade e amor. Sem essa virtude, a exposição doutrinária pode empolgar, pode ser brilhante, pode refulgir qual um raio de imenso clarão, pode vencer disputas verbalísticas, pode dominar

temporariamente, pode provocar lágrimas de emoção... Mas será vazia de energia fluídica, não induzindo quem quer que seja à transfiguração moral, que é o que realmente importa dentro do Espiritismo-cristão.

A maneira simples e respeitosa com que Jesus se dirigia aos seus ouvintes e aos seus discípulos, embora lhes conhecendo as deficiências pessoais e todas as suas necessidades espirituais, é a grande e eterna escola para todos os que se proponham ou aceitem os compromissos assumidos antes de sua reencarnação de colaborar, na Terra, para a redenção espiritual de nossa Humanidade.

Sem humildade, o doutrinador poderá deduzir que os irmãos infelizes que lhe buscam os recursos da hora estão numa posição inferior à sua.

Sem humildade, o doutrinador poderá pressupor que todos se devem render às suas ordens ou ponderações, a fim de que ele não apareça diminuído aos olhos dos companheiros que lhe integram o círculo de socorro.

Sem humildade, o doutrinador poderá acreditar que todos os seus comportamentos são sempre corretos e que não lhe cabe nunca revisar-se, para que não precise retratar-se de algumas informações precipitadas ou intempestivas.

Sem humildade, o doutrinador não se associa realmente ao esquema traçado pela Espiritualidade Superior aos grupos de esclarecimentos e de evangelização, que se fundam na Terra a benefício de almas tresloucadas pelo orgulho e pelo egoísmo.

9 - AMOR AO PRÓXIMO

Amor e humildade completam-se.

Esta é elevação mental, em termos de espiritualidade superior, aquela irradiação afetiva, síntese de todos os sentimentos divinos latentes em nossas almas — e ambos, conjugados, recriam a Vida.

A humildade externa-se em nosso Mundo como palavra que orienta compassiva ou ouvidos que escutam com atenção, descortinando os mais amplos horizontes de eternidade. O amor, porém, é a força que conduz, que inclina o nosso semelhante ao Reino de Deus.

A humildade inspirada nos quadros do Espiritismo-cristão é mente em simbiose com o Senhor, transfigurada em usina de energias Construtivas. Deve, porém,

vitalizar-se no cotidiano para não ser promessa estagnada. E os fios pelos quais se conduz às demais criaturas são os do amor.

O doutrinador, em decorrência, há de estar vivendo essas duas virtudes essenciais, da mente e do coração, para que o seu socorro, seja oral ou vibracional, tenha efeito legítimo, por corresponder à externalização de suas mais puras energias em favor dos socorridos.

E o exercício começa no ambiente familiar.

Farisaica será a atitude de pensar bem e comportar-se com aparência de santidade apenas nos recintos destinados ao atendimento caritativo de irmãos infelizes. Palavras pronunciadas por nós, que não correspondam às nossas atitudes diárias, permanecerão no pavilhão de nossos ouvidos aguardando a visita de nossa consciência que nos pedirá contas por não termos vivido o que predicávamos. E palavras tais são vazias de fluidos salutares, não produzindo nenhum efeito sobre os comunicantes, embora possam impressionar superficialmente os companheiros encarnados que nos secundam as tarefas.

Temos defeitos e compreensíveis deficiências, mas se estivermos fazendo esforço de aprimorarmos, dominando, a pouco e pouco, nossas paixões e reformulando-nos moralmente, a prédica que organizarmos terá a ressonância equilibrada e salutar do seareiro que labuta para aprimorar-se.

Não se exige que Anjos dirijam nossas reuniões mediúnicas ou que seus dirigentes sejam criaturas imaculadas. O que se suplica é que os dirigentes se empenhem num esforço cotidiano de tornarem-se melhores do que foram ontem.

Amor e humildade devem, por isso, ser a tônica de nosso comportamento diário e o ato de doutrinar e evangelizar terá transbordado das reuniões formais de intercâmbio para incorporar-se em nossa personalidade.

10 - O MEDO

A Lei de afinidade está presente em todos os atos de nossa vida. Só poderemos exercer influência ou acolhê-la dentro da onda mental a que nos imantamos. Afastado desse estreitamento de relações fluídicas, ninguém nos receberá ou recolherá as induções contidas em nossas palavras, em nossos pensamentos ou em nossos comportamentos.

Subordinado a essa Lei, um Espírito infeliz, por mais virulento ou rancoroso que seja, não consegue concretizar seus maus intentos junto a encarnados que lhe não comunguem os pensamentos, que lhe não temam a ação, que lhe não aceitem as

sugestões sombrias.

Esses Espíritos nenhum poder miraculoso possuem, embora possam anunciá-lo através de palavras ou de práticas exóticas, de ameaças ou de gestos. E eles sabem disso, porque já, mais de uma vez, terão experimentado exercer domínio sobre criaturas distanciadas de seu círculo de afinização sem o conseguirem.

No entanto, muitos deles conhecem a ação do medo.

O medo é uma desorganização psíquica profunda, através da qual todas as portas de nosso mundo íntimo ficam abertas às incursões umbralinas. É o antônimo espiritual da vontade. Se por esta a criatura corrige os seus males físicos e psíquicos, pelo medo as fobias se instalam gostosamente nas criaturas.

O doutrinador, pois, não deve sustentar o medo, em nenhuma circunstância e por razão alguma, nos seus encontros mediúnicos e de enfermagem.

Cabe-lhe adquirir pleno conhecimento das leis espirituais, afastando o fantasma do medo de si, recordando-se que muitos obreiros excelentes e muitos médiuns incipientes já se distanciaram do campo de trabalho e serviço sob esse jugo.

Há muito jogo de ilusão, em frases como:

- Eu o acompanharei, meu caro...
- Você me reconhecerá, nos insucessos...
- Você me paga...
- Deixe-me em paz ou lhe mostrarei quem sou...
- Você não sabe com quem está lidando...
- Tenho poderes que você desconhece...
- Eu me vingarei...
- Estarei vigiando dia e noite...

Uma ameaça dessas, solta em tom agressivo ou sutil, não raro funciona como poderosa alavanca que abre a entrada da influenciação dos infelizes ao mundo íntimo do doutrinador ou do médium, do assistente ou do enfermo, alastrando o desequilíbrio psíquico porque o ouvinte passou a temer o autor das ameaças.

Combatamos a vertigem do medo sistematicamente.

E para combatê-lo nada mais justo que o inteirar-nos da Verdade já revelada, assenhoreando-nos das Leis Espirituais que regem o intercâmbio ostensivo ou oculto

entre encarnados e desencarnados e que se encontram muito bem estudadas e codificadas por Allan Kardec, nas obras basilares de nossa Doutrina.

11 - CONTROLE

O doente espiritual que se comunica mediunicamente começa a receber o tratamento de que necessita quando energias equilibradas contem as suas manifestações destrambelhadas. Dessa forma se o médium secundar-lhe e endossar-lhe o descontrole emocional e verbal, não raro estará contribuindo para cristalizar ainda mais os seus problemas.

O médium ao apassivar-se, cedendo a sua instrumentalidade orgânica ao intercâmbio com Espíritos menos felizes, deve exercer um completo controle sobre o enfermo. Disciplinando-lhe gestos agressivos, palavras contundentes, comentários maliciosos, referências ferinas, estará exercendo a caridade preconizada pelo Senhor.

Nesse capítulo do socorro, é de grande importância a instrução especial que o doutrinador fornecerá aos médiuns que integram o círculo de serviços. Essa orientação é que permitirá a educação mediúnica do intermediário, dentro dos princípios da Doutrina, ajustando-o às Leis Naturais.

Cabe, naturalmente, lembrar a diferença existente entre: *desenvolver mediunidade e praticar mediunidade* a fim de alcançarmos um mais elevado padrão de atendimento aos necessitados.

Desenvolvimento mediúnico compreende aprendizagem metódica das Leis que regem o intercâmbio e um germinar lento e contínuo das normas Evangélicas no mundo íntimo do medianeiro. Qualquer dicionário nos informa que desenvolvimento significa: crescimento, evolução, germinação e todos os fenômenos que implicam na melhoria de uma coisa ou de uma pessoa. Dentro desse sentido legítimo, desenvolvimento é um crescimento espiritual do médium, partindo do plano mental baixo em direção de um plano mental alto. É desligar-se das zonas inferiores e perturbadas da espiritualidade, para unir-se aos Mundos Superiores.

Prática mediúnica, amiúde confundida com desenvolvimento da faculdade, consiste simplesmente no ensaio de apassivação do intermediário às influências dos Espíritos, independente de qualquer propósito de o médium de melhorar-se intimamente. Não obriga ao acolhimento da Doutrina Espírita por bússola de sua existência. Basta acercar-se de um agrupamento que trave relações com os Espíritos e ceder-se para os que se encontram à sua volta.

A prática mediúnica, assim desorientada, não tem qualquer objetivo superior definido, fazendo-se presente até para simples entretenimento do médium ou para satisfação de seus propósitos pessoais, individualistas e, repetidamente, de ordem material.

Já o desenvolvimento mediúnico se dá dentro das normas que Allan Kardec coligiu e enfeixou nas obras basilares da Codificação Espírita e que são frutos de

experiências e observações acuradas das Leis que regulamentam o intercâmbio digno e nobre entre encarnados e desencarnados. É quando o médium aceita dedicar-se aos que sofrem, mesmo com total sacrifício de seu tempo disponível, de suas preferências pessoais, de seus interesses imediatistas.

O doutrinador tem como dever de seu encargo, dentro do grupo, auxiliar os médiuns a alcançar tais propósitos admiráveis. Cabe-lhe sempre não olvidar, que, dentro dos ensinamentos Kardequianos, o médium em desenvolvimento é aquele que “se transforma moralmente e luta para dominar suas paixões inferiores” — pois um médium em desenvolvimento é e deve sempre ser um Espírita-cristão.

12 – O MÉDIUM

Reflitamos sobre o médium.

Retornando à Terra com o sexto sentido em afloração, ainda não disciplinado, traz todos os problemas individuais de uma alma em luta consigo mesma. Não é mais e nem menos endividado que as demais criaturas em trânsito educativo

pela escola terrestre. Não é mais e nem menos privilegiado por trazer uma faculdade que se tornará comum, gradativamente, a todos nós encarnados.

Sua mediunidade, porém, é convite a serviço.

A sua fé incipiente, contudo, não lhe dá a firmeza de ânimo indispensável aos grandes empreendimentos espirituais à face de nossa Humanidade. Sente-se, por isso, repleto de dúvidas e hesitações, enquanto só muito lentamente a sua confiança no Alto se solidifica.

A sua coragem ainda é criança e o medo pode instalar-se em seu íntimo e ele, temeroso, poderá abandonar o campo auto-educativo, mal informado e temendo represálias, por desconhecer o mecanismo do intercâmbio.

De experiência diminuta, poderá entregar-se afoito às influências inferiores e dispensar os estudos em torno de sua nova faculdade, confiando em que guias e mentores lhe suprirão o desinteresse.

Açulado por pedinchões inveterados, poderá deixar-se conduzir ao magismo vulgar e ao sortilégio barato, consorciando-se com irmãos compromissados com as organizações anticristãs das zonas umbralinas. Sua faculdade, então, aflorará adocida pelos miasmas mentais e servirá, apenas, como instrumento de adormecimento do senso moral de seus companheiros encarnados que se encontram chumbados a problemas comezinhos do cotidiano, despreocupados da Vida Eterna.

Acutilado por mentes angustiadas, poderá ser antena a registrar as ondas que evocam desequilibradamente familiares desencarnados ou entidades de poderes aparentemente miraculosos para amenizar a existência do suplicante, desvendando-lhe o futuro ou prometendo-lhe solucionar questões intrincadas e forrá-lo de surpresas desagradáveis no campo das finanças.

Doentes cercá-lo-ão com suas formas-pensamentos de disfunção orgânica, exigindo o restabelecimento de males que teimam em alimentar em si mesmos, num capricho de demência velada. E outros, inconformados com as provações que experimentam, exigirão miraculosas intervenções ou receituário infalível que alterem o rumo de suas purgações morais e físicas.

Acolherá em si irmãos em franco desequilíbrio, sentindo-lhes o hálito dementado, qual sentimos a fermentação alcoólica dos bebedores inveterados. Abrigará

suicidas com dores lancinantes e fobias incontáveis, no clímax de seus sofrimentos. Dará enfermagem a obsessores tenazes e inflexíveis, para quem a piedade ainda é virtude ignorada. Será medianeiro de mães desesperadas e de pais mortificados que desconhecem ainda a sublimidade das leis evolucionistas a que todos nos submetemos...

Será intermediário de Mensageiros Divinos que, na intimidade do agrupamento, trarão não apenas mensagens suaves e de inenarrável ternura e beleza, mas também advertências e avisos que poderão sensibilizar almas doentias que exigem serem mimadas, quais crianças caprichosas...

Compreensível que na sua condição de companheiro endividado com a Providência Divina, como todos nós, empreenda esforços para controlar-se e que tenha suas falhas e seus senões. Não nos cabe exigir-lhes o que também não temos nesta fase de aprendizagem em que nos encontramos. Justo que nos toleremos mutuamente, reconhecendo que o médium não é um ser perfeito; é suscetível de falhas.

A sua deficiência tende a diminuir, contudo, desde que não lhe exijamos além de sua capacidade pessoal e desde que nos ajustemos aos princípios consagrados por Allan Kardec em suas obras basilares. Em geral o crescimento das dificuldades, o aparecimento de repetidas falhas, a soma dos problemas que identificamos no medianeiro são tão-somente resultados gerais do próprio grupo que se encontra desajustado espiritualmente.

Mediunidade não é sinal de santificação e também não é estigma de pecados irremissíveis. É tão e unicamente um meio de correspondência entre dois planos de uma mesma Humanidade: a visível e a invisível. E dela se servem os Espíritos que o próprio agrupamento elege e atrai em razão de suas vibrações coletivas, cabendo aqui fazer adaptação do adágio popular, afirmando: “Cada agrupamento tem os fenômenos que faz por merecer”.

Grande é o papel da doutrinação que caberá ao companheiro responsável pelo setor de orientação dos desencarnados, junto a estes seus colaboradores mais próximos e mais visíveis, visando apropriá-los para a tarefa edificante.

13 - O ASSISTENTE

Refletamos sobre o assistente.

As anotações sobre doutrinadores e médiuns cabem inteiramente aos participantes em geral das reuniões mediúnicas. Ninguém é neutro no campo de emissões mentais e todo pensamento emitido se reúne e se soma ao geral, determinado os rumos do intercâmbio.

Por vezes consideramo-nos descompromissados.

Exigimos do doutrinador atitudes corretas e do médium comunicações convincentes e produtivas no sentido de amparo e socorro. E como, de nossa parte, não tomamos a posição do transmissor do Evangelho e nem a posição do medianeiro, julgamo-nos isentos de cuidados de qualquer ordem.

Se pedem que nos concentremos, nem ao menos nos ocupamos em saber o que seja concentração. Se nos pedem preces, não raro deixamos nossos pensamentos seguindo os caminhos de nossas ocupações cotidianas ou de nossas preferências pessoais, mal articulando as primeiras palavras de uma oração.

Aguardamos impacientes a orientação que pedimos ou a receita que encaminhamos, mantendo os olhos fechados, mas avivando a mente no cálculo contínuo do horário, procurando abreviar o socorro em andamento para que não percamos a nossa condução ou nossa hora de repouso físico.

Se o médium não transmite as informações que pedimos e exatamente da maneira que desejamos fossem transmitidas, reclamamos intimamente que eles não contribuem para fortalecer nossa convicção ou que estamos esquecidos da Providência Divina que não nos dá um sinal claro e insofismável da sobrevivência da alma.

Se o esclarecedor conversa pacientemente com um irmão transviado nas Sombras e não lhe desnuda os defeitos morais, rebelamo-nos com essa complacência e exigimos, mentalmente, que desmascare o impostor e desvende os seus crimes.

Se o Espírito infeliz é reincidente no erro e denuncia-se acomodado às situações irregulares, apelamos para corretivos violentos, a fim de dobrá-lo às Leis Divinas e sentimos desassossego se o esclarecedor não nos secunda integralmente.

Se o obsessor confessa que não abandonará sua vítima e que tornará em mais opressoras cargas contra a mesma, ficamos abismados com a calma do esclarecedor que não se exalta, não se atira contra a comunicante e, não raro, dizemos que se fosse

alguém da família dele a sofrer a perseguição, por certo seria mais enérgico com o Espírito renitente.

Como assistentes é comum ficarmos na posição de quem integra uma torcida. Ora nos atiramos contra os comunicantes, por considerá-los desapiedados, ora nos jogamos contra o médium e o esclarecedor, por julgá-los deficientes!

Esse singular e maléfico duelo mental, que sustentamos no decorrer das reuniões mediúnicas, é um elemento poderoso de perturbação dos resultados a que o grupo se propõe alcançar e um alimento de primeiríssima classe a todos os que se opõem ao avanço da luz e do amor dentro da noite de nossa Humanidade.

Cabe-nos a nós, componentes da reunião, a obrigação de estudar melhor e informar-nos mais detalhadamente da Doutrina Espírita, porque ninguém, numa sessão mediúnica, é inteiramente neutro e ninguém está desobrigado de auxiliar eficientemente. Todos temos compromissos definidos e nossas emissões é que determinarão o rumo do trabalho e do socorro.

Integrando a equipe funcionamos como médium de apoio ao intercâmbio organizado e como esclarecedores auxiliares pelas nossas vibrações ajustadas. Temos a dupla responsabilidade de assistir e colaborar na orientação segura de quantos aportem ao agrupamento, carentes de atenções.

Dentro desse ângulo, o doutrinador deve esclarecer os assistentes para assegurar disciplina e eficiência aos trabalhos. Servir-se-á de entendimentos diretos e insofismáveis, definindo-lhes as responsabilidades sem azedume. Antes de doutrinar e orientar aos que não vemos, cabe-nos assegurar a firmeza da equipe, doutrinando pacientemente aqueles que se encontram ao alcance de nossos olhos.

14 – PONTUALIDADE

Deveremos ser pontuais.

Dia e hora determinados e aceitos para a reunião é compromisso inadiável, salvo os casos imprevistos e perfeitamente toleráveis, com prévia comunicação aos que respondem pela organização dos serviços, evitando a expectativa da vinda fora de hora.

Deveremos estabelecer, nos dias de nossas reuniões, o programa cotidiano de forma tal a vencer as dificuldades da condução, os problemas das visitas inesperadas, os apelos aflitos e indisciplinados de muitas criaturas próximas de nosso círculo de relações.

O doutrinador, porém, deve ser tolerante.

Poderá ocorrer um pequeno e fortuito atraso para alguns companheiros que tiveram de vencer longas distâncias, atravessar regiões alagadiças durante as chuvas, remover a proibição de seus familiares, acalmar o coração palpitante por emoções inesperadas.

Desde que o seu atraso não seja habitual, não poderemos deixar que a irritação se nos instale no íntimo e que fiquemos remoendo pensamentos de azeda censura aos que aportaram ao recinto um minuto depois da hora fixada. O nosso comportamento interior gerará desarmonia maior ainda do que a do atraso verificado, criando problemas para os nossos bondosos Orientadores Espirituais.

Allan Kardec, como a prevenir-nos sobre os males do rigorismo extremo com perturbação interna, adverte-nos que os Espíritos que se agastam com pequenos e fortuitos atrasos e que se ressentem com as ocasionais inobservâncias da pontualidade, evidenciam, com isso, a sua imperfeição.

Diligenciemos em manter horário.

Evitemos o hábito da displicência, arrasando-nos costumeiramente e sem razões ponderáveis.

Mas, não nos levemos ao extremo oposto que é a desorganização de medidas salutareas a irmãos infelizes, tão-somente porque houve a falta ou o retardamento de algum amigo do círculo de trabalhos mediúnicos.

Ao doutrinador cabe suavizar o juízo que os pontuais possam mentalizar sobre os retardatários e cabe-lhe, ainda, sustentar a harmonia dos companheiros encarnados no lapso da espera.

Por outro lado, cabe-lhe também encarecer a todos a importância de não prejudicarem com a sua impontualidade o socorro aos que sofrem terrivelmente nas sombras da Espiritualidade inferior, recordando-se de que, num posto de pronto-socorro, aqui entre nós, se chegar o enfermo e não estiverem presentes médico e enfermeiros, as dores aumentam e nascem incalculáveis complicações ao paciente.

15 - NA INTIMIDADE

O advogado, para ouvir seu cliente e estudar-lhe a solução judicial ajustada, recolhe-se com o seu consultante a gabinete privado, onde a ausência de ouvidos estranhos ou de olhos curiosos permita a manifestação desinibida.

O médico, para examinar seu paciente, salvo os casos de reconhecida emergência, instala consultório apropriado onde o enfermo poderá exhibir-lhe suas desarmonias orgânicas ou psíquicas, longe da vista do público, garantindo-lhe estabelecer o circuito de confiança em que se fundamentam as curas reais.

O professor compenetrado de seu mister, no empenho de instruir e educar os seus alunos em aprendizado complexo, requisita salas especiais onde possa fazer exposição da matéria em estudo e onde se encontrem distantes da visão de curiosos e leigos.

O amigo ou parente que se enredou em problemas financeiros ou em questões conscienciais, procura ambiente íntimo e particular para abrir as janelas de sua alma, sem se expor a interpretações do ridículo ou a olhares vexatórios para as suas perturbações.

Em verdade, qualquer que seja o ângulo em que examinemos o tema, convencemo-nos de que ninguém aprecia desnudar-se em público ou em público relatar os seus problemas íntimos. Preferimos sempre ouvidos discretos, olhares compreensíveis, lábios amigos — para que a vergonha não nos rale o coração quando da necessidade de tomarmos conselhos e informações íntimas, medicamentos e orientações pessoais.

Por isso, na organização e sustentação das sessões mediúnicas, onde receberemos a visita de irmãos infelizes da espiritualidade, não poderemos olvidar esses cuidados que tomamos em nossa vida diária.

As sessões de doutrinação ou de desobsessão devem ser realizadas no Templo Espírita, mas sem a presença do público, a fim de não vexarmos aqueles que sentem necessidade interior de confessar-se e arrepende-se. Sem essa intimidade respeitável, o comunicante não se encoraja em abrir o coração ulcerado em busca de reconforto para não humilhar-se.

Todos amamos a discrição.

Qualquer um de nós se vexaria de fazer o rol de seus problemas morais e psíquicos à vista de um público curioso e ávido de sensações. E o círculo que assim nos recebesse evidenciaria estar preso ao trabalho do proselitismo, que incensa a vaidade, com esquecimento da importância do atendimento simples e íntimo dos grandes enfermos morais que chegam pelas vias mediúnicas.

O doutrinador, conciliando a pregação popular e estas sessões particularíssimas, poderá propor a organização de sessões públicas de Espiritismo-cristão, que são genuinamente ajustadas à frequência daqueles que procuram o Espiritismo para si, em seu favor, ainda não integrados no serviço socorrista.

16 - TRIBUNAL

A sessão mediúnica, inspirada no amparo fraterno do Cristianismo, não funciona como um tribunal de consciência ou um organismo inquisitorial, onde os comunicantes sejam compelidos a desnudar o seu próprio íntimo e confessar ou aceitar as transgressões cometidas contra as Leis Divinas, para em seguida receber reprimendas severas e ácidas ou sentenças condenatórias humilhantes.

A organização de intercâmbio, no sentido socorrista, é fundamentada na caridade legítima, onde não ocupamos posição de juízes, carrascos ou justiceiros. Somos, tão-só e unicamente, irmãos interessados na redenção de toda a Humanidade, guardando pleno conhecimento de que é a Jesus que compete, no mecanismo da reação de cada ato, oferecer aos que falham as oportunidades de regeneração.

A energia que tenhamos de usar com os comunicantes não é similar à agressão com que os homens asseguram se estar defendendo dos ataques de seus desafetos. A energia cristã é força moral que sobrepuja, por si só, o atrevimento das Sombras. É luz que espanca trevas, combatendo os erros sem massacrar os errados.

A mais dolorosa reação da Justiça Divina é ter o malfeitor que suportar os lamentos e a revolta de suas vítimas, até o momento de seu arrependimento. E essa situação é tão depressiva que, num dado momento, urge pôr um bálsamo que lhe permita desligar-se dos quadros demenciais que se erguem à sua volta, mesmo que ainda esteja estampado um riso de escárnio.

Jesus não espera de nós um tribunal.

Nossas sessões são postos de socorro, onde entrevemos cada irmão compromissado com as Sombras como um enfermo mental carente de medicação.

Jesus é o exemplo do doutrinador.

Combateu tenazmente o farisaísmo, sem jamais se voltar pessoalmente contra o fariseu. Reconhecia na escola de hipocrisia um mal profundo criado pelo homem, porém aceitava a aberração como pântano necessitado de drenagem. Cada semente do Bem que germinava num coração, era promessa de frutos de paz que se levantava na face da Terra.

E seu grande ensinamento, neste capítulo, repousa na magnífica figuração do trigo e do joio. Ele nos recomendava cuidar do trigo, porque no dia da ceifa os ceifadores separariam o joio. E advertia-nos que, tentando arrancar o joio, a raiz do trigo, sobre a qual o joio se emaranha, sairia do solo e se perderia a colheita.

Descubramos e alimentemos, em cada Espírito infeliz, as suas qualidades positivas e elas sufocarão o Mal que trazem incrustado em seus corações.

17 - ORAÇÃO

A frieza da análise das comunicações e dos problemas dos comunicantes não é aquela em que o doutrinador enregela o próprio coração e só em si confia para encontrar a melhor solução das pendências e das dúvidas transportadas pelos Espíritos enfermos e apresentadas durante a reunião que orienta.

Ele deve orar, para intuir-se.

A oração é medida indispensável em todas as fases de nossa vida, correspondendo a um telégrafo em circuito permanente com as Esferas Superiores.

Os Espíritos levianos e maldosos podem assenhorear-se de nossos canais intuitivos e sugerir aberrações e comportamentos exóticos, ajustados ao nosso gosto particular. Mas não conseguem o mesmo efeito quando nossa mente está em radiosa sintonia pela prece.

Anotemos que nossas vibrações normais são facilmente ajustáveis aos perturbadores, porque ainda temos muito de perturbações dentro deste nosso ciclo evolutivo. Os fluidos Divinos que nos banham, requisitados pela prece sincera e profunda, esses fogem do campo de percepção de nossos queridos irmãos das Sombras e servem-nos de anteparo às suas investidas.

As sugestões inferiores que nos procuram, com a permissão de nossos Orientadores Maiores, servem para provar a nossa resolução no Bem e fortificam-nos as virtudes em curso de aquisição. Contudo, se alimentarmos a luz da oração em nossa alma, estaremos distantes das quedas espetaculares e das fascinações dominadoras que

se implantam nos redutos dos que desconhecem a prática do: orai e vigiai.

O doutrinador é amigo da oração.

18 - MEDIUNIZAÇÃO

O dirigente de reuniões mediúnicas, mesmo sendo médium de excelente contato espiritual, não deve jamais propor-se a dirigir a sessão mediunizada, apassivando-se à influência espiritual.

A sua posição é a de elemento-terra, o mediador consciente que deve analisar os problemas e as ideias expostas de modo frio e inteiramente lúcido, comparando-os com os ensinamentos compendiados por Allan Kardec. Evitará deixar-se levar por impulsos repentinos que, por vezes, podem ser uma indução intuitiva das entidades das Sombras.

Certo é que os Mentores Espirituais procuram transmitir suas ideias pelos canais da intuição. Mas, o dirigente poderá, inconscientemente, coletar os pensamentos do ambiente, os gritos silenciosos e angustiados dos companheiros encarnados, a rebelião de irmãos infelizes que se propõem a turbar o socorro organizado.

São muito variadas as ocorrências nas reuniões mediúnicas e, por isso, o dirigente não se pode conduzir apenas pelos impulsos ou sugestões mentais, sem antes analisá-los, sob o risco de cometer os enganos da boa intenção.

Só a sua plena consciência poderá assegurar ordem ao trabalho e este deverá reger-se pelas normas codificadas por Allan Kardec e comentadas sabiamente por André Luiz e Emmanuel, no Brasil, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier e

Waldo Vieira.

19 – A CONCENTRAÇÃO

Para criaturas que, como nós, somos novos e inexperientes nos campos do psiquismo, pedir-nos simplesmente que nos concentremos é quase bater às portas de nossa ignorância.

Raramente sabemos o que seja concentrar.

Quando o sabemos, estamos pouco habilitados a fazê-lo.

Deveremos, pois, tomando mais inteligíveis os indispensáveis apelos de harmonia aos companheiros que nos integram o agrupamento de comunicações mediúnicas, trocar os termos, suplicando:

— Oremos mentalmente!

— Esqueçamos o cotidiano e oremos a Jesus.

— Ouçamos com atenção a mensagem que nos é transmitida.

— Leiamos uma página de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, enquanto aguardamos a comunicação mediúnica.

Quem dirige uma reunião sabe que o silêncio dos lábios e a quietude do corpo nem sempre correspondem à disciplina interior. A mente é assaltada ininterruptamente pelos nossos pensamentos habituais e, por vezes, é preferível estarmos falando ou cantando ou orando, para que não fiquemos a moer e remoer ideias nem sempre dignas

e nem sempre justas ao serviço a que nos propusemos.

O dirigente sabe, também, que concentrar é reunir fluidos e pensamentos em torno de um propósito único e que tal empenho não nos é fácil, à vista da falta de ordem que existe em nosso mundo íntimo. Por isso prefere ser mais claro em seus apelos, a fim de que nós, os inexperientes, não nos quedemos simplesmente de olhos fechados, sem saber o que fazer com as ideias que se atropelam em nosso cérebro nesses instantes.

Após o início das comunicações, instrui-nos o dirigente, nossa atenção deve voltar-se ao conteúdo do que o comunicante transmite e as necessidades dos Espíritos infelizes que o doutrinador vai indicando pelo seu diálogo, a pouco e pouco. Mantendo-nos atentos, e em prece, emanaremos os fluidos necessários para auxiliar os variados enfermos.

Com o passar do tempo, e esclarecidos quanto à nossa posição e ao conteúdo de nossas emissões mentais, tornar-nos-emos úteis aos que rogam insistentemente pelo bálsamo do amparo caritativo, nas reuniões mediúnicas de que participamos.

20 - AUSÊNCIA DE COMUNICAÇÕES

A comunicação, para ser legítima, há de ser espontânea. Nenhuma sugestão, nenhum pedido direto, nenhuma obrigação de permitir apassivamento devem cercar os desencarnados e nem os médiuns psicofônicos ou psicógrafos.

Se ocorrer, numa ou mais reuniões, um dos médiuns emudecer-se e por ele não ocorrer nenhum fenômeno de intercâmbio, o dirigente e o doutrinador não devem, no tempo reservado aos trabalhos, forçá-lo de modo algum a permitir que os Espíritos dele se utilizem.

Possivelmente este médium, nesse dia, tem problemas.

O lugar certo de ajudá-lo a resolvê-los será em outra hora, em particular, quando poderão médium e dirigentes, permutar impressões, visando a corrigir as anomalias anotadas.

Jamais se estabelece para o médium que ele seja obrigado a apassivar-se a toda influência que o cerca. Se assim o fizer, poderá dar pasto a obsessores tenazes que se instalarão tranquilamente, passando a timonear as faculdades mediúnicas no mar de

seus prazeres ou, então, essa obrigação imposta poderá levar à mistificação inconsciente do próprio médium que só transmitindo alguma coisa não se sentirá diminuído e nem ficará sujeito a ouvir censuras desagradáveis à frente dos demais companheiros.

A espontaneidade das comunicações é uma necessidade elementar de todo trabalho sério e por ela deve o doutrinador orientar-se, recordando-nos sempre que a não comunicação através de um médium, ou mesmo de todos os médiuns, constitui um exercício de nossa paciência e de nossa perseverança na obra do Bem e revela problemas de ajuste e sintonia que pedem estudos e atenção muito sérios.

21 - COMUNICAÇÕES SIMULTÂNEAS

Numa assembléia de vinte pessoas, se quatro delas se puserem a falar ao mesmo tempo ninguém conseguirá acompanhar-lhes a ordem dos pensamentos. Naturalmente, dentro de pouco, a perturbação tomará de assalto os seus componentes e quem esteja na direção ficará tolhido de estabelecer-lhe disciplina.

Na reunião mediúnica, muito especialmente, como organização de serviço e instrução, a disciplina deve ser preservada e estabelecida, não se permitindo que mais do que dois comunicantes se sirvam dos médiuns ao mesmo tempo e cada comunicante será atendido por um esclarecedor destacado pelo dirigente.

Nenhuma justificativa se deve arrolar para validar as comunicações simultâneas em grande número. Nem mesmo evocando a necessidade de atender-se a um maior número de enfermos poderá justificar-nos. Será sempre um lamentável desvio de ordem que custará caro, em termos de aproveitamento e de evolução dos membros do agrupamento, afastando os Espíritos sérios que se empenham na medicação necessária e deixando os socorristas apressados entregues a entidades levianas que lhes

servirão de corretivo.

Aos médiuns cabe colaborar para esta ordem, contendo os comunicantes afoitos e, se necessário, o dirigente da reunião usará de energia disciplinadora, mesmo que essa atitude traga o risco de ocasionar o afastamento de médiuns que se agastam com empreendimentos sérios e caritativos.

22 - O SOCORRO

Instalando uma sessão mediúnica, nós, os encarnados, recorreremos aos compêndios especializados que estudam o assunto devidamente, fornecendo-nos as experiências consideráveis de jornadairos cômicos. Reunimos médiuns, passistas e esclarecedores e assistentes da radiação fluídica, ajustando-nos todos no posto de socorro que funcionará sob a égide de Jesus.

Os nossos Mentores Espirituais, por sua vez, em acolhendo-nos as disposições caritativas, analisam os encarnados que integrarão o círculo fraternal, empreendendo o levantamento de tendências e hábitos, de capacidade e necessidades espirituais de cada obreiro congregado.

De nossa parte, acertamos dia e combinamos horário que se acomodem a todos os componentes, ao mesmo tempo que permutamos objetivos e alimentamos esperanças sobre o empreendimento.

Eles movimentam suas caravanas de amor, alertando Espíritos que se dedicam

ao reerguimento de quantos se situam no Umbral e nas Cavernas de que mais um lampadário se acenderá na Terra, sob o pálio da caridade Divina.

Já, então, estaremos realizando as reuniões preliminares de estudos e de afinização, que se encerram com radiações fluídicas a benefício de enfermos distantes e ausentes, enquanto os nossos Irmãos Maiores promovem uma gradativa elevação de nossas vibrações, a fim de situar-nos em planos mentais elevados de onde receberemos auxílio indispensável.

Vencidas semanas ou meses, estabelecemos uma distribuição inicial de postos definidos, a uns colocando como médiuns, outros como esclarecedores, alguns como passistas e um dirigente ou coordenador e permanecendo vários nas radiações fluídicas.

Os que respondem espiritualmente pela empresa já possuem, nessa altura, as fichas completas de cada integrante. E com elas encetam os primeiros contatos com o agrupamento, escolhendo para comparecer à assembléia, segundo a lei de afinidade, espíritos que, em precisando de esclarecimentos e orientação, servirão, simultaneamente, de aulas vivas para nossa indispensável reforma ítima.

Em toda comunicação mediúnica há um duplo socorro: o que oferecemos aos que se acercam das portas mediúnicas que abrimos e os exemplos que eles representam ao vivo e que nos alertam sobre as conseqüências de ceder às tentações de nossos impulsos inferiores.

Esse duplo ângulo de intercâmbio socorrista, o doutrinador poderá utilizar com muito critério. Servir-se-á dos exemplos soerguidos pela Espiritualidade, alertando os demais companheiros a que meditemos sobre as reações de cada um de nossos atos, prevenindo-nos da falência espiritual.

Se se alerta um Espírito de que ele deve amar, quem primeiro ouve o convite somos nós mesmos.

Se se pondera sobre a inutilidade da vingança e se evidenciam as conseqüências amargas aos que procuram a justiça pelas próprias mãos, óbvio que teremos colhido muito antes para nós mesmos as reações a que se sujeitam os que se vinculam com as Sombras.

Se se enaltece o valor do amor materno para a redenção das almas, a figura de nossa mãe há de ter-nos visitado as retinas espirituais, rogando-nos o mesmo amor que

recomendamos ao próximo.

Se se esclarece sobre os perigos sutis da obsessão que principia com o acolhimento de pensamentos inferiores em nosso mundo íntimo, ninguém mais perto de nós do que nós mesmos, para registrar as vibrações sonoras e fluídicas de nossas palavras.

Todas as advertências, todos os conselhos, todas as recomendações, todas as induções nobres, todos os comentários evangélicos — por função da própria natureza, hão de ter-se organizado em nossa alma e, depois, propaladas por palavras, alcançarão primeiramente os nossos ouvidos para depois envolver aquele que nos escuta.

É da Lei que o socorro que organizamos para os outros, é orientação que a Espiritualidade Superior dirige preliminarmente para nós mesmos.

23 - PAZ E ALEGRIA

Espiritismo-cristão é nosso reajuste com a Vida.

Em consequência da compreensão que ele nos permite dos mais variados fenômenos da evolução, aceitando que a felicidade integral não é ainda de nosso Mundo, adentramos a ondas de paz e alegria, que passam a assinalar a nossa caminhada.

Afastamos a siseudez artificial.

Distanciamo-nos de sustentar fisionomia azeda.

Saneamos nosso fígado.

Não mais vertemos bílis e fel sobre o cotidiano e recebemos as dificuldades por lições a serem aproveitadas para nosso crescimento interior.

Ante os sofrimentos, sabemo-los passageiros.

Ante as perturbações, reconhecemo-las transitórias.

Ante as tormentas, entrevemos a bonança.

Ante o convite do pessimismo, acordamos o ânimo.

Afastamo-nos das cinzas e da compunção exterior, por sabermos que tristeza e aborrecimento que sustentarmos refletem sobre nossos companheiros de jornada e reverberam em nosso íntimo, ensombrando-nos os dias e as provações a que nos submetemos.

Espiritismo-cristão é paz interior.

Espiritismo-cristão é alegria genuína.

E será dentro desse clima de paz e alegria que o doutrinador receberá a visita de todos os que, palmilhando estradas umbralinas chegam às reuniões mediúnicas para reajustar-se com a Vida e corrigir seu destino.

Nem azedume para recebê-los e nem fisionomias carregadas de severidade. Nem palavras que revolvem os lixos morais e nem frases proferidas num tom de santificação artificiosa.

Quem esquece a alegria e a paz em sua casa ou à porta do agrupamento doutrinário que frequenta, não está em condições de oferecê-las aos dementados irmãos que o procuram, repletos de angústias. E acolhê-los com a harmonia que reina em nosso Mundo íntimo é ofertar-lhes o ânimo para o reerguimento e a disposição para vencer suas tentações.

A seriedade do socorro e a seriedade de nossos Orientadores Espirituais não é a da fisionomia trancada, impermeável às induções de paz e alegria. São eles os semeadores da felicidade e não existe felicidade de lágrimas nos olhos e nem austeridade religiosa em carantonhas tristes.

A criança, que Jesus nos aponta como protótipo celestial, tem um sorriso fácil e uma satisfação que se externa. A sua sinceridade espontânea, muito diversa dos padrões de compunção apenas fisionômica, é o modelo de nossa atitude durante o intercâmbio.

O Templo de Deus, transferido pelo Espiritismo-cristão das construções de alvenaria para o Universo, acabaria com todas as virtudes de aparência que, enganosamente, consagramos no correr dos séculos.

O altar de adoração e sacrifício, arrancado dos nichos de pedra e transposto para a nossa consciência, mudou radicalmente o nosso conceito de seriedade religiosa, condenando formalmente as atitudes de “túmulos pintados de branco por fora e cheios de imundícias por dentro”.

O Espiritismo-cristão, que dá combate à ideia da morte, desferiu golpe mortal na falsa ideia que fazíamos sobre a Espiritualidade, rasgando os véus que nos faziam imaginar Deus como um Senhor sisudo e mal-humorado que não suportava um sorriso de seus filhos. Ele, hoje, é-nos o Pai Amantíssimo.

Coloramos, pois, com paz e alegria os nossos encontros mediúnicos para, dentro desse clima santificado, atendermos aos que busquem o nosso concurso para superação de suas mazelas.

24 - IRMÃOS DO CAMINHO

I

Perante a manifestação de um sacerdote do credo romano, cujas vestes ficaram entregues à campã, você poderá tomar atitudes extremadas:

exprobrar-lhe o comportamento, à vista da responsabilidade que assumira pelos estudos sistemáticos dos princípios religiosos;

atirar-lhe a pecha de mercador do Templo, comerciante de coisas santas, que ofertava um paraíso sem possuí-lo;

escarnecer-lhe os compromissos com o sensualismo, por sustentar um

celibato sem continência, a que se obrigou pela tomada de hábitos sacerdotais;

atormentá-lo com o desfile de vítimas do confessionário que enxameiam a seu derredor, gemendo e chorando dos enganos a que se confiaram;

apontar-lhe a rigidez dos conselhos distribuídos aos seus prosélitos em contraste com a licenciosidade com que se fazia identificar, cremando a fé em almas piedosas...

No entanto, contenha-se.

O doutrinador da sessão mediúnica não pode olvidar que sacerdotes e acólitos de religiões fetichistas, quando despertos no Além e colhidos pelas reações de seus atos, são apenas irmãos do caminho, extraviados nas Sombras e cientes de Amor.

E aos irmãos, abraçamos com sincera e fraternal ternura.

II

Perante a manifestação de um pastor das Igrejas reformistas, cuja Bíblia ainda lhe acompanha os restos orgânicos, você poderá tomar atitudes extremadas:

pedir-lhe que viva os versículos que lhe dançaram unicamente nos lábios, sem encontrar o caminho de seu coração;

classificá-lo de enclausurador de mentes nas grades da letra e exigir-lhe a colheita dos males que essa hipnose semeou;

A desnudar-lhe a personalidade dúplice, que se adoçava como Pastor de Almas e, depois, comportava-se escravo de paixões primárias, próprias de homens distanciados dos legítimos valores morais do Senhor;

chasqueá-lo sobre o sono eterno, a que se confiava entregar e que tão habilmente incutiu em legiões que lhe sintonizavam as prédicas, entorpecendo companheiros nessa inércia espiritual;

relacionar-lhe a fila de seus seguidores costumeiros, que aguardavam uma audiência especial com O Criador...

No entanto, contenha-se.

O doutrinador da sessão mediúnica não pode olvidar que pastores e crentes, quando despertos no Além e colhidos pelas reações de seus atos, são apenas irmãos do caminho, extraviados nas Sombras e carentes de Amor.

E aos irmãos, abraçamos com sincera e fraternal ternura.

III

Perante a manifestação de um orientador Espírita, que acordou na Espiritualidade a braços com o desequilíbrio e envergonhado pelas omissões e pelo agravamento de seus compromissos, você poderá tomar atitudes extremadas:

cadastrar-lhe os deveres que ele postergou na imensa Seara do Senhor;

fustigar-lhe a consciência reafirmando ao seu coração dolorido que “a quem muito foi dado, muito será pedido”;

azedar-lhe mais o ânimo, detalhando-lhe as deficiências de sua jornada, semeada de individualismo e de esquecimento dos deveres de renúncia e de humildade;

enumerar órfãos e viúvas, pobres e doentes, delinquentes e obsediados que teriam retificado o roteiro de suas expiações se ele tivesse sido um exemplo vivo do Evangelho;

relatar-lhe os agravos decorrentes de sua ausência dos campos do Bem, por ter-se acomodado a situações que o faziam admirado pelos que lhe não comungavam e até lhe hostilizavam as tarefas;

descortinar-lhe o seu esquecimento da obra de reeducação do senso moral, cuja deteriorização fomenta as guerras familiares, as guerras de cidades e as guerras de nações...

No entanto, contenha-se.

O dirigente da sessão de amparo celestial não pode olvidar que orientadores Espíritas, médiuns e participantes das reuniões Doutrinárias do Espiritismo-cristão, quando despertos no Além e colhidos pelas reações de seus atos, são apenas irmãos do caminho, extraviados nas Sombras e carentes de Amor.

E aos irmãos, abraçamos com sincera e fraternal ternura.

IV

Perante a manifestação do perplexo materialista ou do céptico, que se acolheu surpreso, desenfaixado de seu casulo orgânico, você poderá tomar atitudes extremadas:

denunciar-lhe o orgulho sob o qual se cobre a ciência que se divorcia de Deus,

esterilizando corações e sufocando esperanças com sua miopia;

responsabilizá-lo pela comercialização da medicina, pela debilidade do sacerdócio, pelo estremecimento das famílias, pela delinquência da juventude sem Deus;

condená-lo pelas guerras fratricidas e pelo retalhamento de comunidades que enlouqueceram sob o guante do egoísmo e do “cada um por si”;

evocar os suicidas que se dementaram e violentaram a bênção do corpo, insatisfeitos com os seus próprios sentidos ou profundamente compromissados em crises do sexo;

dizer-lhe dos casais que romperam seus compromissos a que se guerrearam no âmbito do lar, hipnotizados pela suas teorias do amor sem lar ou da multiplicidade das paixões físicas...

No entanto, contenha-se.

O dirigente da sessão de intercâmbio e hospitalização espirituais não pode olvidar que materialistas e ateus, incrédulos cínicos, quando despertos no Além e colhidos pelas reações de seus atos, são apenas irmãos do caminho, extraviados nas Sombras e carentes de Amor.

E aos irmãos, abraçamos com sincera e fraternal ternura.

V

Perante a manifestação de obsessores renitentes, usurários empedernidos, gozadores do sexo, vampirizadores confessos que por longos anos se mostram jugulados pelas paixões menos dignas, você poderá tomar atitudes extremadas:

ameaçá-los, veladamente, com a refrega de seus próprios atos, pela violentação ostensiva das Leis Espirituais;

torturá-los com emissões rancorosas e vingativas, mostrando-se agastado pela indiferença que aparentam ao próprio destino;

evidenciar-lhes o choro e o ranger de dentes, traçando-lhes uma antevisão da reencarnação plena de deficiências físicas e coberta de obstáculos para sanar-lhes as dores incontáveis;

tentar afugentá-los com ameaças de punições através de Espíritos que se

consociam às reuniões mediúnicas, consagrando o princípio errôneo de combater o mal com o mal;

predicar contra o seu comportamento, revelando as mazelas que promovem com a sua presença;

dizer-lhes que suas vibrações originam mal-estar e são como o fantasma da peste que afugenta a vida onde se instala...

No entanto, contenha-se.

O dirigente da sessão de reajustamento moral de Espíritos e de encarnados não pode olvidar que Espíritos perturbadores, quando despertos no Além e colhidos pelas reações de seus atos, são apenas irmãos do caminho, extraviados nas Sombras e carentes de Amor.

E aos irmãos, abraçamos com sincera e fraternal ternura.

VI

Perante a manifestação de amigo querido ou familiar que lhe privava a intimidade, sem aceitar-lhe o ideal nobre, você poderá tomar atitudes extremadas:

relembrar a inoportunidade de não ter ouvido com atenção os conselhos gratuitos que lhe endereçava;

cercá-lo de severas reprimendas, em nome dos laços afetivos pelos quais se unem;

projetar-lhe à memória as oportunidades do Bem que deixou passar, indiferente às necessidades de seus semelhantes na face da Terra;

abordar problemas financeiros que sobrevieram na Terra, decorrentes de sua aparente imprevidência, quando encarnado.

No entanto, contenha-se.

O dirigente da sessão fraterna de relações espirituais não pode olvidar que amigos e parentes, conhecidos e inimigos, quando despertos no Além e colhidos pelas reações de seus atos, são apenas irmãos do caminho, extraviados nas Sombras e carentes de Amor.

E aos irmãos, abraçamos com sincera e fraternal ternura.

VII

Todos os Espíritos que se servem dos portais da mediunidade para expor perturbação e desajuste frente às realidades do Plano em que vivem ou que revelam desequilíbrios mentais ou emocionais acentuados, nada mais são do que:

almas que se transviaram com as ilusões de nosso Mundo, suportando, agora, o peso de sua terrível e compulsória colheita;

viajores exaustos que fizeram por ignorar a Fé, a Esperança e Caridade que o Senhor lhes ofertou nos mais diversos escalões religiosos que a mente humana comporta;

prisioneiros de seus estreitos limites de percepção, enlouquecidos pela vaidade;

escravos de erros, a que se acorrentaram sem forças para libertar-se;

cegos que tinham olhos e surdos que tinham ouvidos...

No entanto, são enfermos carentes de auxílio.

E não cicatrizam as chagas de suas dores, o revolvermos em suas chagas vivas o punhal ferino da acusação. Encontram-se hoje, provavelmente, palmilhando o mesmo trecho de estrada que ontem atravessávamos e de onde a Providência Divina nos recolheu, silenciosa, em seu seio amorável.

O encontro com irmãos transviados nas Sombras é o cenáculo Divino, onde Jesus repartia o pão entre seus discípulos num gesto fraterno, alimentando com o bálsamo de seu amor até o seu próprio algoz.

25 - CENSURAS E CRÍTICAS

Confiado a si mesmo, para que forme a sua bagagem de experiências pessoais, o homem, em todos os planos da vida, defronta-se com oportunidades que o convidam ao aprimoramento. Contudo, o exercício milenar de paixões de baixo nível fá-lo encontrar-se entre dois extremos, pelos quais decide livremente: o do erro e o da virtude.

Essa opção faz parte de sua aprendizagem.

Não raro, porém, ele se deixa assoberbar pelo egoísmo e pelo orgulho, ensombrando os seus dias em quedas espirituais. Expiações dolorosas articulam-se, como consequência de suas ações, a fim de fazê-lo ressarcir débitos que voluntariamente contrai.

Um erro, porém, pode ser comportamento apenas momentâneo que, na primeira oportunidade, ele se empenha em reparar. Outros erros, no entanto, podem ser produtos da busca de satisfações grosseiras e que, pela constância com que se repetem, se mecanizam em hábitos, incorporando-se e deformando a personalidade por prazo indeterminado.

Surge a reencarnação...

A multiplicidade de reencarnações é uma sequência de lições que nos impelem à elevação espiritual e que nos conduzem à perfeição dos Espíritos Puros. A rigor, por isso, os estímulos educativos que a Vida nos oferece são sempre os mesmos, já que são sempre os mesmos os erros a corrigir.

Reencontramo-nos com lições vivas que se reeditam, a fim de corrigirmos nossos senões. E para as lições serem as mesmas, os seus elementos componentes também o são, embora em roupagens diferentes:

amigos — retornam em novos corpos, reencontrando-nos pelos fios da afetividade, a fim de soerguer-nos após as quedas;

comparsas — cobram-nos a todos os instantes, uns a suplicar-nos reajustes e outros a convidar-nos à reincidência;

familiares — recompõem o círculo consanguíneo, por onde os reencontramos em outro grau de parentesco, servindo de anteparo e apoio à nossa cura moral;

paixões — que à força de serem acalentadas, semelham-se às lavas vulcânicas

próximas da erupção, mal tomem contato com estímulos apropriados;

vícios — que decalcamos no circuito de reflexos condicionados e se transmudam em impulsos quase irresistíveis, tendências malévolas que nos impelem à repetição;

perturbadores — que de intimidade conosco só têm as mesmas vibrações fluídicas que sustentamos, pedem a nossa colaboração para alongar o reinado do Mal à face da Terra;

inimigos — que se elegem nossos obsessores, vindo da noite de nosso pretérito, a exigir o resgate de dívidas contraídas pelos nossos desvarios...

Mas, sobrepairando a todas as influências ajustadas e desajustadas que nos visitam, encontram-se os Mensageiros Divinos que assistem o nosso comportamento, transformando cada queda numa lição que jamais olvidaremos.

Allan Kardec instrui-nos na Codificação Espírita, que para aprender a dominar uma qualidade negativa, o homem há de viver entre os que a praticam. E junto do Mal aprenderá a dominá-lo em si mesmo.

Há, pois, dentro da mecânica da Lei de Aprendizagem uma condução do aprendiz à consciência de cada ato, levando cada alma a reencontrar-se frente a circunstâncias e induções que a conduziram à queda, até que venha a dominar-se conscientemente.

Quando estivermos face a face com um Espírito infeliz, durante a comunhão com o Alto não olvidemos que esse irmão é vítima de si mesmo e só a si mesmo ocasiona infelicidade. E são tantos os fatores que se unem nas lições que ele deve aprender que, por vezes, se deixa abater pelas suas fraquezas e reincide no Mal que ainda não aprendeu a distinguir claramente.

São alunos repetentes — como nós mesmos.

Para condená-los ou criticá-los, teremos de ponderar, como faz a Providência Divina, os mínimos e os máximos fatores que se encadearam para reconduzi-los aos seus enganos, imprimindo-lhes o ar de cinismo ou de frivolidade, de hipocrisia ou de indolência que os tornam hoje conhecidos.

Sejamos indulgentes com suas fraquezas e auxiliemo-los a vencerem-se a si mesmos, sem que nos façamos seus censores e seus críticos.

26 - PUNHAL DA LÍNGUA

A língua humana facilmente se transforma num estilete penetrante que se aprofunda na alma de nossos semelhantes até atingir-lhes as entranhas morais para revolvê-las dolorosamente, numa obra de profanação e de destruição de seus empenhos redentores.

Dominá-la é tão importante que os discípulos de Jesus, embora rudes pescadores, se fizeram notados pelo seu falar manso e suave, repleto de ternura, a ponto de Mateus ter registrado em suas anotações evangélicas o sucedido com Simão Pedro, no ato de sua negação de relações com o Cristo:

“Logo depois, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: — Verdadeiramente és também um deles, porque o *teu modo de falar o denuncia.*”

Não deveremos, pois, nos trabalhos de doutrinação a que somos chamados, derramar chumbo quente pelas nossas palavras, fazendo-nos brasas a título de franqueza ou de esclarecimento.

Por outro lado, porém, não deveremos envolver nossas palavras numa crosta de mel, guardando em seu bojo veneno mortífero e distribuí-las a quantos sejam compelidos a buscar-nos a orientação.

Apontar o mal e comentá-lo é cultivá-lo.

Não nos cabe deter-nos nas deficiências espirituais dos irmãos infelizes, porque essa atitude nada mais faz do que acorrentá-los ao cativoiro e o que eles precisam é de libertar-se.

Ninguém edifica, censurando.

O serviço cristão de libertação espiritual das criaturas deve ser realizado sob a legenda universal que Allan Kardec consagrou: “Fora da caridade não há salvação”.

E intuindo-se da importância do amor, associado à obra redentora de irmãos infelizes, os adeptos mais humildes de nossa Doutrina denominaram a mesa em torno da qual nos reunimos para as sessões mediúnicas de: mesa da caridade.

E num banquete de caridade a impiedade não tem lugar, seja qual for o revestimento externo, aparentemente digno, que tome para frutificar em nossa boca.

Reformemos a língua como Simão Pedro, como Paulo de Tarso, como

Eurípedes Barsanulfo, como Batuíra, como Chico Xavier — se pretendermos ser úteis na expressão integral do Espiritismo-cristão.

27 - MORTE

Organizando o socorro a Espíritos que desconhecem o seu estado no plano a que foram arremessados pelo fenômeno da morte, por vezes o doutrinador considera que acordá-los de súbito para a realidade seja um benefício inestimável.

Costumam informá-los, abruptamente, que já estão mortos. Doutra feita, convidam-nos a regredir ao túmulo e examinar seu corpo em putrefação orgânica. Utilizam-se de vários métodos de regressão de memória, exumando-lhes os cadáveres para expô-los aos seus olhos atônitos.

O resultado destas atitudes bem intencionadas é, amiúde, a loucura que se instala nos infelizes que desconheciam a sua própria morte!

Falar da morte, a quem a ignora, não é procedimento normal no trato com os infelizes.

Um adágio popular diz: “Da vida nada se leva” e a mesma sabedoria popular acrescenta:

“Só leva da vida o que de bem ou de mal se praticou”.

Anotemos, porém, que para almas incontáveis, ao partir da vida orgânica em direção da Espiritualidade, se nada levam além de conhecimentos e virtudes, deixam, aqui na Terra, quase toda a razão de sua existência presa de empreendimentos perecíveis.

A mãe, cuja ternura infinda chovia em atenções e carinho aos seus filhos, abandona a sua família partindo, não raro, inteiramente só e permanecendo com seu coração imantado ao círculo de seus afetos.

A esposa que sofria assaltos de ciúmes, dementando-se em rígida vigilância sobre seu companheiro, umbralizando-lhe os débitos em resgate, sente-se desalojada de seu reduto.

O usurário que enregelava a própria alma no contato da moeda circulante, pelo desencarne vê-se despojado de seu tesouro de metal, tornando-se um órfão do reino do ouro.

O pai, imerso em turbilhonantes apelos de seus filhos, pela morte deixa um rastro de lancinantes problemas financeiros e econômicos, sem ter podido solucioná-los com justiça e bom tempo.

Centenas são os problemas individuais que existem e para os quais a morte representa uma formidável agonia ao Espírito, originando um tormento imenso que poderá, inclusive, culminar num desequilíbrio mental do desencarnado. Saber-se despojado da carne, sem noções da espiritualidade e das leis de causa e efeito, ultrapassa o poder de resistência emocional de mães, partindo-lhes o coração; de pais que sentirão trituras as suas esperanças; de escravos de paixões e vícios que se dementarão ainda mais...

A morte não soluciona problemas individuais, pois as almas os conduzem para onde forem e, conseqüentemente, identificar-nos já no panorama do Além não nos liberta de achaques e nem nos cura de males profundos.

À vista, pois, de nosso socorro mediúnico ser fraterno, evitemos ferir diretamente a questão da morte com os Espíritos que não sabem que já morreram. Ofereçamos-lhes orientação, conduzindo os entendimentos dentro do âmbito de suas necessidades pessoais e, a pouco e pouco, eles mesmos irão descobrindo o fenômeno pelo qual passaram.

Afastemo-nos de remetê-los ao encontro dos corpos que sofrem transformações biológicas e não vamos reerguer-lhes os cadáveres. Acolhamos-lhes como natural a ignorância que demonstrem sobre os fenômenos naturais da vida, a fim de não perturbá-los.

Evitemos provocar choques.

Se um Espírito deve receber choques emocionais, amiúde e erroneamente chamados de espirituais, já lhe bastam os articulados pelos seus desafetos que lhe cobram débitos de existências desregradas. Nos círculos amorosos do Espiritismo-cristão deve ser acolhido como um enfermo a ser pacientemente cuidado, como criança espiritual.

28 - DIVAGAÇÕES NOBRES

Todos os que nos encontramos com o Espiritismo-cristão terminamos por amar os pensamentos elevados e puros, as imagens mentais nobres e respeitáveis, os ideais de um mundo renovado em Jesus.

E queremos transmiti-los aos outros.

Os irmãos infelizes que nos procuram pelas portas da mediunidade na sessão de doutrinação, porém, contam com tão escassas reservas de atenção que não conseguimos dar-lhes as grandes esperanças e as lídimas certezas que acalentamos.

O seu quadro de perturbação mental e emocional, próprio da desencarnação e que os reduziu ao estado de infância espiritual, age sobre o seu raciocínio e sobre a sua lógica de modo ponderável. E assim como as crianças entre nós não suportam as preciosas afirmações sobre a vida e sobre a espiritualidade em nível adulto e estabelecem que sejam iniciadas através de métodos apropriados, também essas crianças espirituais que nos visitam pedem as mesmas providências.

Deveremos falar-lhes dentro do seu campo de entendimento atual.

Preferível indicar-lhes pequenas tarefas e ensiná-los pacientemente a aceitá-las de seus orientadores do Além, do que vertermos um longo e precioso discurso sobre a importância do amor ao próximo.

Antes solicitar-lhes a execução de encargos generosos do que nos determos em comentar-lhes a beleza radiosa da máxima: Fora da caridade não há salvação.

Primeiro confiar-lhes a tarefa de auxílio a irmãos mais infelizes, que se encontram presos nas malhas de perseguições obsessivas, do que pausarmos longamente sobre o amor aos nossos inimigos.

Será vão apontar-lhes horizontes distantes, abordando temas transcendentais, demorando-nos em analisar o aspecto científico e filosófico da Vida. Seus olhos não

alcançam as paisagens distantes que nos habituamos a entrever junto dos ensinamentos do Mestre Divino. Ser-lhes-á mais útil substituímos as belas alocações por conversação amiga que, mesmo nos parecendo primária, corresponde às noções que o visitante pode compreender e aproveitar.

O esforço maior do doutrinador, neste capítulo, será matizar com sentimentos de pura fraternidade os seus entendimentos simples. Jesus, entre seus discípulos e junto aos enfermos, jamais subia à exposição altissonante. Seus grandes ensinamentos estão, quase todos, encerrados em parábolas singelas, ajustados a todos os escalões das mentes em evolução na Terra. E ninguém, como Jesus, foi doutrinador. Seu exemplo, no entanto, convida-nos a evitar os preciosismos da Doutrina, os seus ângulos mais difíceis, as leis mais complexas, os problemas mais delicados, as suas sutilezas — substituindo-os pela conversação amorosa, ao nível do comunicante, tal qual conversamos em nosso próprio lar, junto de nossos filhos menores.

29 - O TEMPO

O mais generoso impulso da alma humana orientado pela piedade, é o de querer transfundir aos companheiros de jornada terrestre as noções de felicidade de que nos possuímos dentro do Espiritismo-cristão.

A nossa inexperiência, porém, faz-nos olvidar que para atingir o amadurecimento de hoje no cenáculo da Escola de Amor, os séculos se dobraram sobre os séculos e mantínhamos inarredável a nossa opinião viciosa, indiferentes aos apelos de renovação que nos visitavam constantemente.

Quanto maior tenha sido o nosso sofrimento, quanto mais penosa tenha sido a nossa caminhada até atingirmos o plano atual — paradoxalmente mais nos impacientamos em fazer o nosso próximo feliz. E se ele recalcitra, se ele se mostra reincidente e gostosamente instalado no Mal, tomamos como nosso dever fazê-lo retratar-se, transfigurar-se, arrepender-se.

Confissões arrancadas à força são sempre prematuras e muito enganosas.

No Espiritismo, contudo, nem doutrinação e nem evangelização objetivam colocar asas de cera nos Espíritos e nem tais tarefas significam uma radical mudança, num minuto, daqueles que nos visitam mediunicamente.

O tempo é fator muito importante.

Examinando-nos sem falsa humildade admitimos que se hoje somos melhores do que ontem, hoje não estamos muito diferentes do que ontem. E aceitamos, por essa experiência pessoal, que a renovação efetiva e eterna, promovida pelo Cristianismo-redivivo, é obra de séculos e não de breves minutos.

Louvável, pois, nossa boa intenção de reformar nossos irmãos do caminho em

breves instantes de diálogo amoroso. Apenas precisamos reajustar-nos ante a realidade espiritual que nos ensina que ao próprio homem caberá a resolução de alterar para melhor os rumos de seu destino. A ele caberá, igualmente, o mérito de tão importante decisão. E, em geral, só atinge esse propósito através de mil pequenos acontecimentos que se encadeiam, minuto a minuto, descerrando-lhe o novo mundo.

Um Espírito poderá, portanto, vir pelas portas da mediunidade a entreter conosco uma permuta de ideias ou receber os benefícios do passe e da oração a seu favor, e retirar-se exteriormente sem evidenciar sensação alguma.

Teríamos, por essa indiferença que ele aparenta demonstrar, sido ineficientes?

Ponderemos todos os recursos que tenhamos movimentado a seu favor. Fizemos tudo o que era devido? Exemplificamos o Bem a todo momento? Socorremos todos os necessitados que nos buscaram amparo? Tivemos amor a todas as criaturas? Vivemos a paciência?

Se as respostas foram afirmativas, guardemos a convicção de que fizemos a nossa parte. E se a sua transformação moral não despontou à nossa frente, como se a primavera de amor houvesse nascido em sua vida após o inverno de suas paixões, é que ainda não lhe era chegada a hora da transformação.

Poderá, também, acontecer que ele, imitando-nos em nosso habitual amor-próprio, não se queira mostrar emocionado ou sensibilizado espiritualmente pelas nossas atenções e pelos nossos rogos, a fim de não se envergonhar ou de não nos proporcionar o humano sabor de vitória, saindo de nosso círculo qual um derrotado.

Guardemos convicção de que é nossa a sementeira. A seara, porém, é de Jesus que enviará os seus ceifeiros para separar o joio do trigo. Os resultados, portanto, cabe a Ele, o Divino Amigo, recolher no estojo de nossos corações, onde se formam as mais preciosas pérolas do arrependimento e da resignação, que se escondem dos olhares humanos.

30 - DESAFIOS

Muitos irmãos infelizes, enredados com os planos ensombrados da Vida, embrutecidos e enregelados em seus sentimentos nobres, apreciam fazer demonstração de força e poder, agindo como os homens que, para evidenciar a superioridade masculina, exibem seus músculos em competições várias e no campo das ameaças físicas.

Não deveremos secundá-los no desequilíbrio!

Se emitirem convites à exibição de poderes psíquicos dizendo-se fortes e irredutíveis, não irá o embaixador de Jesus, o doutrinador, aceitar-lhes o duelo proposto. Equivale isso a ajustar-se ao nível em que eles se situam, sustentando-lhes a disposição de permanecerem estacionados.

A mais sábia resposta a tais tentações é a prece silenciosa. Poderá parecer a alguns companheiros componentes do agrupamento como um recuo ou covardia, como rendição ou humilhação, mas aos olhos do Mestre, a quem servimos, a contenção da réplica será um acender de luzes em nosso coração.

Vale mesmo reler o capítulo XII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, e, ao deter-nos em seus itens 11 a 16, compreendermos que duelo na atualidade não é um sacar de armas homicidas, mas também um manejar de pensamentos destrutivos e agressivos. A rinha de batalha que matava o corpo, por vezes, é o entrechoque de paixões doentias que trituram a alma.

O Evangelho de Jesus não é campo de batalha.

Nele o amor inscreve-se como dever primeiro e último e só mesmo o envilecimento de almas que se aproximam da mediunidade sem se reformar interiormente é que permite tais desajustes instalados em prejuízo franco da obra caritativa.

Impossível conciliar o cenáculo de ternura de Jesus, com cenas brutais de desafios e de batalhas, de castigos e de torturas. Tais obreiros que assim agem estão, inegavelmente, sob o guante de terríveis obsessões, necessitando de tratamento espiritual ajustado e precisando, no mais breve tempo, ser afastados da posição de esclarecedores até o dia em que abrandem os seus ímpetos e aceitem que os Mensageiros Divinos não lhes dão cobertura aos desequilibrados desafios aos comunicantes e nem às suas impensadas atitudes de rancor e de poderes miraculosos.

Não raro, tais doutrinadores são abandonados à própria sorte que, aliás, eles mesmos traçam. Os Espíritos Iluminados não servem de anteparo às suas arremetidas contra irmãos sofredores que, dementados também, conhecem a linguagem das ameaças e das demonstrações de um barato hipnotismo ou de um aviltante domínio de suas vítimas.

Diz Jesus: “Quem não é por nós, é contra nós”, o que, em termos de doutrinação, pode ser traduzido em: “Quem não é pelo amor, é contra o amor”.

31 - HILARIDADE

Centenas são as anedotas sobre nossos irmãos desequilibrados mentais. E outras centenas sobre criaturas que sentem dificuldades de raciocinar. Não menor o número daquelas em que o riso tem como base os desastres pessoais.

Uma doença, porém, é uma coisa séria.

Por maior o ridículo da posição ou da situação, da expressão ou do dito jocoso daqueles que nos procurem no intercâmbio mediúnico, não deveremos acolhê-los como convites perturbadores, porque correremos o risco de desbaratar as energias concentradas para o atendimento caritativo.

Impossível rir de um demente.

Impossível rir de um ignorante.

Impossível rir de um perplexo.

Embora possam surgir temas hilariantes no decorrer das reuniões mediúnicas, cabe ao doutrinador evitar que eles se convertam em risos ou pilhérias, sempre desrespeitosos. Quando este elementar cuidado estiver ausente e os componentes do agrupamento se deixarem conduzir pela mão do gracejo, do chiste, do ridículo, porão a perder todo o serviço.

A alegria a sustentar na obra cristã não é a de piadas de salão ou anedotário irreverentes. É alegria de dever cumprido, de consciência equilibrada, de conhecimento adquirido.

A piedade deve possuir-nos o coração, tão logo identifiquemos a presença de um irmão infeliz a braços com uma anomalia mental ou física. Só mesmo à força dessa piedade cultivada é que nosso coração será usina de amor e consolo, de paz e tranquilidade.

Se membros do agrupamento humano se deixarem envolver com gracejos ou brincadeiras em torno de alguma manifestação, deve o doutrinador, em momento oportuno, permutar com esse companheiro algumas ideias sobre o sofrimento pelo qual passa um irmão dementado. Mostrar-lhe-á os sofrimentos que tais Espíritos experimentam. E, desta forma, elucidará o encarnado de que, pelo riso, não se revela suficientemente integrado na equipe de socorro da Caridade Divina.

32 - PERGUNTAS VÃS

Dentro de toda complexidade de organização e de seu real funcionamento, um pronto-socorro para serviços médicos de urgência conta com duas seções perfeitamente distintas: o serviço burocrático e o serviço médico.

Ao primeiro interessam detalhes do enfermo.

Ao secundo importa a enfermidade.

Enquanto o primeiro recolhe dados do cidadão acometido de enfermidade ou de acidente, para fins de registro e comunicações, o segundo ocupa-se em restabelecer a harmonia orgânica, no que seja possível.

Assim também no socorro mediúnico.

A Espiritualidade Superior, ao conduzir o enfermo para o intercâmbio mediúnico, já conhece o doente e o tem fichado em seu cadastro na seção competente. E geralmente já o preparou para o encontro, recolhendo-o dos antros de dor e amargura.

Não deveremos, em nosso círculo de encarnados, deter-nos em repetir-lhes o serviço já realizado, indagando detalhes pessoais do comunicante, tais como nome, data de nascimento ou de desencarnação, localização geográfica ou disposição íntima de

reformular-se.

Essas perguntas respeitáveis, formuladas pelo interesse de comprovação do fenômeno ou da satisfação que guardamos em saber a quem atendemos, são respondidas imprecisamente por nossos irmãos infelizes que raramente estão em condições de rever o arquivo de sua memória.

Não bastasse essa obliteração, temos de convir que qualquer inquirição pessoal será remetê-los ao encontro de feitos dos quais se devem distanciar no momento e esquecer-los para renovarem-se.

Basta que o doutrinador se assegure encontrar-se no posto de serviço assistencial de um pronto-socorro espiritual para definir exatamente a sua posição perante o enfermo e, conseqüentemente, descortinar o que convém e o que não convém indagar.

Perguntas vãs são, também, aquelas que não trazem proveito para o restabelecimento do enfermo e que podem ainda agravar os seus males:

- Por que você não perdoa?
- Por que você não abandona aquela casa?
- Você está sofrendo muito?

Informações desta natureza não o auxiliam a regenerar-se e nem o consolam, pois que todos nós sempre nos consideramos carregados de razões justas para cometer os nossos enganos. Constituem ainda convites a revisar o mal e cristalizá-lo na forma de clima mental deletério, por obrigar a repetir os mesmos propósitos perturbadores ou obsessivos.

Socorramos com atenção, sem revolver a lama que tragam dentro do peito e sem avivar-lhes mais as feridas sangrantes que expõem aos nossos olhos, sufocando em nós mesmos toda e qualquer curiosidade doentia, embora muito humana.

33 - PRECE AO DESENCARNADO

O Mal apresenta-se com vibrações fluídicas deletérias, circundando a criatura nesse clima desequilibrante e adensando-lhe a couraça que o aprisiona aos vícios e paixões. Conhecer a Verdade e libertar-se, na expressão de Jesus, é romper com esse entorpecente círculo vicioso.

O organismo físico reflete essa influenciação, na forma de inúmeras moléstias dolorosas e irrecuperáveis pela medicina atual, por ter suas raízes profundas deitadas no solo do desequilíbrio psíquico. São efeitos de um desajuste espiritual e não a sua causa.

Não raro somos impotentes a reagir intimamente, elevando-nos ao plano de reajuste. Nosso coração, petrificado no mundo de rancores é incapaz de emitir uma oração salutar que carregaria o banho renovador de nossas energias e que abriria as portas da prisão a que voluntariamente nos confiamos.

Muitos Espíritos infelizes, externamente jactanciosos e atrevidos, reincidentes

no Mal, também não conseguem essa renovação fluídica. Alongam sua estada nas sombras da inferioridade moral, não se sentindo encorajados para a prece renovadora.

A esses, para os quais nossos argumentos e nossas melhores atenções são improfícuas, deveremos envolvê-los nas radiações benéficas de nossas preces nos momentos de intercâmbio. Receberão, pelos canais mediúnicos a que se encontram jungidos, a influenciação carinhosa que lhes desce do Alto por acréscimo da Misericórdia Divina.

O doutrinador, senhor das leis espirituais, movimentará esses recursos sem se impressionar pela aparente frieza com que o socorro é acolhido. Compreenderá que o sarcasmo, a indiferença, a aparente distanciação de Deus, são apenas sintomas da enfermidade mental que medra há séculos em suas almas e pede outros séculos para a recomposição lenta.

O Espírito socorrido poderá não acompanhar as radiações; poderá não repetir as palavras elevadas aos Céus, pois em sua demência está, temporariamente, impossibilitado de auxiliar-se a si mesmo. No entanto, apesar de suas atitudes externas, será medicado e um dia compreenderá o benefício que lhe veio daquele encontro respeitável.

34 - SANTIFICAÇÃO

Somos todos espíritos endividados.

Por séculos incontáveis estagiamos às sombras de nossas paixões, criando o Umbral de nossas mentes e cultivando o ódio como uma lama de que nos nutriamos, sustentando-nos em nossos desvarios.

Vezes sem conta a Providência Divina bateu-nos às portas do coração, convidando-nos à reformulação de nossos comportamentos e de nossas aspirações e repetidamente repelimos esse convite de Amor, qual se fôssemos auto-suficientes, acomodados aos nossos desajustes.

Um dia, porém, acordamos.

As dores, os exemplos, a exaustão no sofrimento moral, as lições repetidas —

tudo se somou, para despertarmos e emprendermos a marcha de nossa espiritualização.

Que paciência, que carinho, que atenção não teremos compelido nossos Mentores Espirituais a exercitar até que, crianças caprichosas, resolvêssemos engatinhar na senda regenerativa!

Hoje outros que, como nós outrora, virão receber o convite para a reforma interior, adentrarão o nosso círculo de socorro mediúnico, esbravejando e dizendo-se violentados em seus direitos para que, por nossa vez, exercitemos o mesmo amor, a mesma atenção, o mesmo carinho que temos recebido de nossos Maiores.

Sentiremos, então, o repúdio de nossas melhores indicações, a negação aos nossos mais sinceros apelos, a indiferença aos nossos melhores propósitos, a rejeição às nossas melhores ponderações...

Isso é natural!

Também nós um dia assim agimos!

E é tão natural que o esclarecedor, ciente de sua posição frente ao auxílio que se articula a favor desses nossos irmãos dementados, não terá a veleidade de exigir-lhes uma transfiguração imediata, um juramento público de santificação, uma mudança súbita e repentina de seus comportamentos.

O doutrinador sabe que a obra de aprimoramento espiritual é serviço de séculos. Sabe, também, que o afiançar um Espírito o seu inteiro arrependimento, no breve espaço de alguns minutos de conversação e entendimentos fraternos, não traduz uma verdade integral, mesmo que sincera. Essa promessa de santificação, não raro, é o meio de desembaraçar-se de quem o importuna insistentemente, segundo o seu ponto de vista, e que o compele a mistificar garantindo que já se sente reformado...

Não existe santificação maquinal.

Remeter um Espírito ao encontro de seu futuro ou compeli-lo a rever, num segundo, as vítimas de seus desvarios, não são recursos inscritos como normais dentro do Espiritismo-cristão. E não produzem reformas reais. Levam, por vezes, o Espírito a mentir para satisfazer doutrinadores afoitos que desejam vê-lo render-se à sua argumentação.

Não há colheita prematura, sem pôr a perder os frutos em desenvolvimento. E, por tal, não deveremos nos ocupar em recolher os frutos da transformação moral de

nossos irmãos do caminho. Devemos respeitar-lhes as decisões individuais que agirão sempre a seu favor, como as nossas têm agido a nosso benefício. Examinemo-nos com sinceridade e anotaremos o quanto nos tem sido penoso e demorado vencer pequenos hábitos viciosos e, então, aceitaremos que eles têm o direito à reformulação lenta a que nos submetemos até hoje.

35 - DISCIPLINA

O Espírito, à medida que se eleva nos Planos Divinos, alcança clareza absoluta na forma de exprimir os seus pensamentos, embora os empecos naturais criados pela pobreza relativa da língua humana. Pode assim numa síntese quase perfeita externar-se em páginas e dissertações admiráveis.

Bastará um exame das mensagens englobadas por Allan Kardec dentro de *O Evangelho segundo o Espiritismo* e as respostas precisas, corretas e breves para as questões formuladas em *O Livro dos Espíritos* e mais recentemente a produção Doutrinária através do médium Francisco Cândido Xavier para triar estas afirmações.

Um Espírito elevado não precisará de espaço longo para discorrer sobre determinado tema nem alonga entendimentos na metragem que se apropria aos que gostam de discursos longos e, além de extensos, feitos em labirintos sombrios de pensamentos.

Todas as ponderações cristãs devem, pois, atender a esta medida de precisão que se adquire, pouco a pouco, no trato com a Espiritualidade nas reuniões mediúnicas de socorro e caridade.

E é essa precisão e essa objetividade que o doutrinador irá adquirindo, na sua convivência com os problemas espirituais. Saberá não alongar-se em demasia e nem ser omissos por uma brevidade desnecessária. Saberá que, como o bom lavrador, só se semeia um tipo de semente por vez em cada trato de terra e não se planta de tudo de uma vez apenas.

André Luiz, em seu livro *Desobsessão*, recomenda-nos trabalhar com quatro médiuns psicofônicos, num agrupamento de 14 companheiros encarnados. Recomenda a passividade mediúmica de até dois Espíritos infelizes ao mesmo tempo, com dois esclarecedores sustentando os entendimentos necessários. E aponta um máximo de duas apassivações por médium, em cada reunião.

Trocando essas recomendações em medida de tempo, teremos aproximadamente quinze minutos, no máximo, para dispensar a cada comunicante, espaço mais do que suficiente para ouvir os seus turbilhonantes e angustiosos problemas e oferecer-lhe a medicação espiritual ajustada aos quadros da Vida Eterna.

Esse espaço de tempo e essa limitação racional dos que se correspondem pelas vias mediúnicas é parte da disciplina que favorece o socorro justo, sem que despendamos esforços vãos num diálogo ou num monólogo extenso e sem, por outro lado, que atropelemos os Espíritos que trazem o coração ulcerado, pretextando que muitos serão os suplicantes na reunião e que convém despachá-los sem delongas, com informações vagas e impacientes.

36 - LIBERTAÇÃO

Pessoas há que, ainda distanciadas espiritualmente do Cristianismo-redivivo, utilizam-se de uma arma ferina a que chamam de: franqueza.

Costumam fazer uma análise glacial e contundente de todas as falhas e senões de seu semelhante, face a face, na boa intenção de despertá-lo para a reforma íntima:

- Você não tem mesmo vergonha?
- Você não vai criar juízo?

— Admita que você não presta mesmo...

— Olhe-se por dentro, meu caro. Está caindo de podre...

Essa técnica de agredir para reformar, porém, não é produtiva. Recordemos que os nossos inimigos é que se utilizam de denegrir e deprimir, derrotando-nos o quanto for possível em nossos ensaios de elevação moral e regeneração espiritual.

Nossos defeitos, nós os conhecemos.

Quanto mais tentamos cobri-los com justificativas e boas aparências, mais deles guardamos dolorosa ciência e, nosso intento, é apenas disfarçá-los em capas ilusórias.

A depressão que nos imanta nos caminhos do erro pede mão amiga que nos dê nova oportunidade, sem humilhar-nos. Sentimos dificuldades em tentar acertar quando olhos severos e inflexíveis nos vigiam, apontando-nos os mínimos deslizes e as menores reincidências.

Um mundo novo de esperanças abre-se à nossa frente quando descobrimos que há oportunidades de regenerar-nos, entre criaturas que não se ocuparão em dessecar nosso arcabouço moral deficitário; entre criaturas que nos darão oportunidades novas, sem exumar os cadáveres de nossas falhas, porque confiam que todos, um dia, iremos o aprimoramento íntimo.

O doutrinador, pois, afastará de si qualquer propósito de franqueza rude, de expressão áspera, integrado que se encontra nos conceitos de educação do Cristianismo-redutivo. Compreende que revolver o Mal é fermentar-lhe o crescimento e perpetuar-lhe a existência em franco prejuízo das virtudes latentes que ficam sufocadas sob a angústia de almas que se julgam sem probabilidade de redenção e sem direito de paz.

Libertação é amor com Jesus.